

Santa Evita e suas aparições



Santa Evita e suas aparições

por

Ana Carolina Ferreira da Silva

(Aluna do curso de Comunicação Social)

Monografia apresentada à Banca Examinadora na disciplina Projetos Experimentais.
Orientador Acadêmico: Prof.
Dr. José Luiz Ribeiro.

SILVA, Ana Carolina Ferreira. *Santa Evita e suas aparições*.
Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 1.sem.2004, 144 fl. Mimeo.
Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

Banca Examinadora:

Professor Dr. José Luiz Ribeiro
Orientador Acadêmico

Professor Dr. Potiguara Mendes
Relator

Professora Dra. Márcia Cristina Vieira Falabella

Examinado o Projeto Experimental:

Conceito:

Em:

À minha mãe, que incansavelmente lutou para que eu chegasse a uma Universidade. Foi uma companheira fundamental para que eu superasse todas as dificuldades. O que sou devo a ela.

Ao meu pai, que sempre muito doce e cheio de esperança apoiou-me a ser jornalista, desde o início.

A minha irmã, fiel às minhas escolhas, sempre apoiou e fez-me acreditar que eu seria capaz de atingir meus objetivos.

Aos meus ex-professores Maria Luíza e Ronaldo, que foram fundamentais em minha formação antes de chegar à vida acadêmica.

Ao meu querido Zé, quem a aprendi a admirar pela a inteligência e senso de humor apurado desde a primeira aula.

A Deus e Maria por terem me dado força e confiança durante todos esses anos de caminhada.

Amo todos vocês e os levo na alma.

S I N O P S E

Estudo, a partir de teorias semióticas, de comunicação e jornalística, sobre a construção do mito Eva Perón, inclusive através dos meios de comunicação de massa e sua influência na sociedade argentina da época.

S U M Á R I O

1. INTRODUÇÃO

2. AS ORIGENS DO MITO

2.1. *A menina pobre*

2.2. *A Guerreira*

2.3. *A Santa*

3. ESTRATÉGIAS

3.1. *O corpo santo*

3.2. *A imagem midiática*

3.3. *O álbum de retrato*

4. CONCLUSÃO

5. BIBLIOGRAFIA

P R E F Á C I O

Toda vitória traz consigo sacrifícios, lágrimas, alegrias e desesperos. Chegar ao fim deste trabalho traz um alívio e uma certeza de que uma missão foi cumprida. Também, não resta dúvida de que este era o tema ideal a ser escolhido. Uma história de vida de uma mulher, que independente de quais as vias que ela utilizou, chegou onde nem imaginava que pudesse ir.

Evidentemente que Eva é única, afinal, o contexto histórico já passou e não regressa. Mas muito além de ser atingida pelas artimanhas de sedução que um mito comporta, a força e na garra de Eva Perón são dignas de ser exemplo. Sabia perfeitamente, há quatro anos atrás, que jornalismo seria a minha profissão. Hoje tenho a certeza absoluta, carregada de muita motivação para iniciar uma nova vertente em minha vida. Assim como para Evita, peronismo era uma maneira de ser, para mim, jornalismo é uma opção de vida.

Da FACOM vou levar o brilhantismo de alguns professores. Foi, sem dúvida, o que mais me marcou. Vou levar também, a sensação da primeiro contato com o mundo acadêmico, onde o conhecimento é a base maior. E sem dúvida, a perseguição pelo saber, pela notícia, por informação virá

comigo como um objeto precioso; sempre. Tudo me pode ser tirado, menos o conhecimento.

Sempre encarei o jornalismo como um filho, pelo qual tive que lutar muito para que nascesse. Agora, já tão vivo, vejo como um bebê que tem que crescer forte e saudável. Vai ser uma eterna relação mãe e filho... uma entrega a ser conciliada com outras circunstâncias futuras.

A faculdade foi só uma prova de tudo de bom que ainda vem por aí. Nela pude saber que comunicação é universo muito extenso, por onde eu quero atuar por toda minha vida. Gosto de gente e conteúdo humano é fonte de inspiração e idéias. Percebi que estou conectada a tudo e que comunicar é o princípio das existências.

Este trabalho foi pensado com muito carinho, quase vinte e quatro horas por dia. Eva andava sempre em meu pensamento e, ao escrever os textos, a inspiração vinha de uma forma muito fluente. Assim como ela se mostrou uma apaixonada pela política social peronista, eu sou fascinada pela Comunicação Social.

Espero deixar o meu modo de escrever e observar gravado na história desta faculdade, com este trabalho. Fico na expectativa de divertir e informar as mentes de quem ler esta história fantástica de vida: Eva Duarte de Perón; prostituta e santa; o céu e o inferno de muitos.

1. INTRODUÇÃO

Ao percorrer as ruas portenhas, é possível ver, em todas as bancas, postais da Eva; nas livrarias, biografias; nos sebos, mais livros sobre essa mulher. Se for perguntado para qualquer argentino o que ele pensa sobre Eva Perón, não existe ninguém que não saiba falar nada.

Durante esta pesquisa, vai ser mostrado um pouco da história da vida de Eva Perón. Será um passeio pela sua infância e adolescência, no interior da Argentina, nas cidades de Junín e Los Toldos. Depois seguirá na jornada por Buenos Aires, suas passagens pelas companhias de teatro até seu encontro e união com o General Perón. Logo em seguida, será possível mostrar o luto e a dor nacional ao confirmar a morte de uma referência da cultura argentina, assim como a alegria de muitos.

Lendas, fetiches e contradições também rondam este trabalho, afinal, um mito como Eva Perón não é fácil de registrar com palavras.

Vencida esta etapa, o texto passa a conduzir o leitor a conhecer as estratégias usadas para chegar a tal nível de comoção social. Um mito com esta força não é fruto simplesmente do acaso. Foram trabalhos de marqueteiros, jornalistas do governo, assessores escrevendo discursos... e claro; tudo isso associado a um poder de improviso e carisma

inexplicável. Os ensinamentos do teatro e das rádio novelas dão um toque espetacular e feminino à vida política argentina. Assim como o cristianismo suavizou e humanizou um pouco mais com a figura feminina de Maria, o peronismo chegou mais próximo da população com Evita.

Será feita também, uma conexão com a política populista brasileira, mas precisamente a Getulista. Vai ser mostrado como grandes mitos usam o artifício da morte e do discurso para se eternizar. Getúlio deixou uma carta testamento e Evita deixou um testamento entregando seus bens a Perón e ao povo.

Por fim, um álbum de retratos, dividido em situações que narram a vida de Evita através de imagens. Os trechos vão da infância pobre em Junín e Los Toldos até o luxuoso e espetacular funeral. As divisões também levam em consideração elementos que contribuíram para Eva ser este mito tão grandioso que não comporta a própria existência.

Está feito o convite para entrar neste universo chamado Eva Perón; para voltar no tempo, até a década de trinta e quarenta e surpreender-se com a voz feminina que ousa pronunciar-se. Fazer um passeio entre histórias e lendas; confundir-se entre real e ficção. Em se tratando de um mito como Evita, pode-se esperar tudo: amor e ódio, devoção, fanatismo e repúdio. Bien Venido.

As origens do mito



2. AS ORIGENS DO MITO

Quando se vem ao mundo mal se sabe o que se espera. A vida vai imprimindo na "folha branca", que somos nós, situações a serem superadas ou absorvidas. Decodificamos milhões de informações e isso gera recalques, sensações... enfim, experiências. A maneira como cada um vai lidar com os instantes e relacionar-se com a época é que faz com que cada ser seja singular.

É notável em algumas pessoas a sede em superar barreiras ou uma convicção profunda do próprio papel social. O que se nota é uma corrida quase que incansável em busca de realizações. Para isso, conceitos são revistos, valores abandonados ou novos admitidos. Na originalidade da ciranda da vida, os caminhos dos seres são diversos, com curvas próprias ou retas quase infinitas, que possibilita uma alta velocidade.

Eva só queria ser uma estrela de cinema, fugir da pobreza em que foi criada e do rótulo de bastarda. Devolver toda essa "herança maldita" para quem fez questão de dá-la era uma meta a ser perseguida. Porém, imaginar-se "primeira dama" da Argentina, amada e venerada por milhões, era extrapolar as expectativas. Ser mito não é o princípio maior. A vida foi mostrando isso, aos poucos, a Eva Maria Duarte "Eva Perón".



"Em sua alma, amigos e inimigos ficavam classificados para sempre."

(Alicia Dujovne Ortiz)

2.1. *A menina pobre*

Los Toldos, 7 de maio de 1917. Dona Juana Ibarguren dá a luz à caçula entre seus cinco filhos: María Eva... ou seria Eva María? No nome já trazia a sua identidade mais fiel e profunda. Eva, a mulher primeira, a pecadora, capaz de desvirtuar a mente dos homens; María, a santa, a humilde, que aceitou a missão de ser serva e mãe do "Salvador". Desde o próprio batizado, já reunia os extremos. Nascia, naquele dia, a redenção do povo argentino.

Evita: o apelido curto e forte. Agudo na sonoridade, com um "ita" que gritou e ainda grita em muitas mentes. É também o imperativo do verbo evitar... ela tanto traz felicidade e sonhos quanto pode machucar. A futura "esperança" dos descamisados era bastarda e pobre.

Duarte reaundó la relación en mayo y, desde entonces, durante casi nueve años, la pareja repetió sus monótonos ciclos de vida en comum entre abril y noviembre. Otros hijos: Elisa, de 1913; Juan Ramón, de 1914; Erminda, de 1917; Eva María, de 1919. Todos, salvo la última, fueron reconocidos por el padre. Cuatro meses después del nacimiento de Eva María, Juan Duarte se marchó de Los Toldos para siempre. Visitó una o dos veces a los bastardos, pero com impaciencia, distraído, ansioso por desaparecer de su pasado (MARTÍNEZ, T. 1995, p.136)¹.

Juan Duarte era uma fazendeiro conservador de uma cidade próxima chamada Chivilcoy. Ele tinha um cargo político

¹ Duarte reatou a relação em maio e, desde então, durante quase nove anos, o casal repartiu seus monótonos ciclos de vida em comum entre abril e novembro. Outros filhos: Elisa, de 1913; Juan Ramón, de 1914; Erminda, de 1917; Eva María, de 1919. Todos, exceto a última, foram reconhecidos pelo pai. Quatro meses depois do nascimento de Eva María, Juan Duarte se foi de Los Toldos para sempre. Visitou uma ou duas vezes aos bastardos, mas com impaciência, distraído, ansioso por desaparecer de seu passado.

importante, mas, tempos depois, foi deposto por mal versação de fundos e verbas. Porém, Juan nunca assumiu Dona Juana e nem os filhos perante a sociedade, pois esta relação era extra conjugal. Dona Juana foi cozinheira, por uns tempos, da estância "La Union", que pertencia a Juan Duarte, onde os dois conheceram-se.

Toda a família de Evita passou por privações e dificuldades, mesmo com a ajuda de Juan Duarte. A pobreza era uma constante na vida dos Ibarguren; uma realidade dura de se conviver. Entretanto, a escassez de recursos parecia moldar a personalidade de Eva, junto com a educação dada por Dona Juana.

No dia de Reis, Evita queria ganhar muito uma boneca. A sua mãe não tinha dinheiro para comprar uma nova e com boa aparência. Ao chegar a um bazar, encontrou uma boneca imponente mas com a perna quebrada. Por causa do defeito, a boneca custou muito barato. Ela a colocou perto dos chinelos de Evita, enquanto a filha dormia. Pela manhã, ao acordar, a irmã Elisa tinha feito uma roupinha nova para disfarçar o defeito da perna, afinal, a pobreza era algo que deveria ser escondido e justificado em meio a uma realidade que já fazia questão de lembrá-los disso. A pequena Eva Duarte levantou-se e teve uma grande surpresa.

Por la mañana Evita la tomó entre sus brazos y la miró asombrada. Era el momento que esperaba la madre para explicárselo todo. ¡Pobre muñeca! Estaba renga porque se había caído del camello pero, justamente por eso, necesitaba cariño. Al oír estas palabras Evita estrechó con fuerza a la muñeca rota, a la que algo le faltaba pero... ¿qué? (ORTIZ, A 1995, p.24)²

A irmã mais velha de Eva era muito amiga da caçula. Elisa ajudava a cuidar de Evita e tinha um carinho típico de quem é mais velha. Neste Dia de Reis, quando Eva ganhou a boneca, Elisa, mais que depressa, fez uma roupinha nova, que escondesse o defeito da perna. Era uma preocupação com a irmã e com a própria situação de vida. A pobreza e as feridas provocadas por este patamar social eram para ser escondidas e ocultadas.

Eva cresceu olhando para a própria situação e imaginando superá-la. A ambição, motivada pelo cinema, era o principal combustível que incentivava a menina a crescer e que movia aquela mente fértil. Mais tarde, ela tornou-se um dos maiores mitos de todos os tempos. Para ela, a pobreza não era um estado estático, que a amarraria, condenando-a a ser assim eternamente. Por isso Eva era sempre tomada por uma ânsia em superar as dificuldades.

Com a morte de Juan Duarte em um acidente de carro, em 1926, a vida da família tornou-se mais difícil. Neste dia,

² Pela manhã Evita a tomou em seus braços e a olhou assombrada. Era o momento que esperava a mãe para explicá-la tudo. Pobre boneca! Estava machucada porque tinha caído do camelo mas, justamente por isso, necessitava de carinho. Ao ouvir estas palavras Evita apertou com força a boneca estragada, algo lhe faltava mas... o que?

Dona Juana decidiu levar os filhos ao velório do pai. Ao chegarem, foram barrados e impedidos de entrar, por serem uma família bastarda. Temendo maiores escândalos, a família legítima permitiu que os seis entrassem para ver Juan pela última vez. Foi um momento muito marcante na vida de Eva. A família, por fim, pôde chegar próximo ao caixão e beijar, pela última vez, o Senhor Duarte. Logo após o último contato, eles seguiram em fila indiana atrás do cortejo. Eva, a menor entre todos os filhos, estava por último na fila (ORTIZ,A. 1995 p.21).

Para ela, aceitar a morte do pai era algo quase impossível. O falecimento representava um segundo abandono, o fim da esperança de, um dia, mostrar a Juan que ela poderia tornar-se rica e poderosa. Seria impossível descontar naquele homem toda a humilhação de não ser uma Duarte legítima e que mesmo sem sua presença ela conseguiria vencer. E essa vitória que tanto buscava viria repleta de sentimentos que preencheram o mundo de Eva; alguns em ebulição, outros, feras adormecidas mas que, no final de tudo, eram pulsões que a levaria a buscar seus sonhos e a transformar em um dos maiores mitos de todos os tempos.

Era como abandonarlos por partida doble. Para la niña, al menos, fue un segundo abandono. ¿Cómo perdonarle ambas cosas: haberse ido y ni siquiera esperar a verla crecer? Al morir tontamente, antes del tiempo, el padre destruía su sueño de ir a verlo

algún día, hermosa y elegante como una reina. El traidor hubiera suplicado perdón de rodillas y ella hubiera permanecido majestuosa cual estatua de mármol. Ilusiones perdidas (ORTIZ, A. 1995, p.21)³.

O trauma formava-se na mente de Eva. Essa perda doía não pelo simples fato de romper laços paternos, porque estes nunca existiram. Era a anulação da chance de sentir, mesmo que bem tardio, o devolver de um tapa no rosto que doeu muito em sua trajetória de vida. Para a menina, seria uma questão de honra tornar-se poderosa. Já que não seria possível colocar o pai de joelhos perante ela, seria, então, a oligarquia argentina. Aos poucos, a menina do interior ia escrevendo dentro de si mesma, na lista negra, os nomes de suas vítimas. Para alguns, Eva conseguiu ser alguém porque resolveu não perdoar e nem esquecer a nenhuma injúria ou vergonha a que foi submetida.

A pobreza em si retém consigo um poder de exclusão e de inferioridade. A humilhação era dada em doses homeopáticas na vida dessa família e possuía consigo um teor de doçura quase insuportável. O doce excessivo que queima a garganta de tão insuportável. Assim estava o ego de Evita. Todo machucado e carregando uma carga muito pesada para uma menina. Ser os "outros", ou então, os bastardos, soava como um refrão incômodo para os Ibaruren, em especial para Eva. Isso a

³ Era como abandoná-los duplamente. Para a menina, ao menos, foi um segundo abandono. Como perdoar ambas as coisas: tinha ido e nem sequer a tinha esperado crescer? Ao morrer estupidamente, antes do tempo, o pai destruíu o sonho de ir vê-la, algum dia, charmosa e elegante como uma rainha. O traidor iria suplicar perdão de joelhos e ela permaneceria majestosa como uma estátua de mármore. Ilusões perdidas.

acompanhou a vida toda como uma bagagem pesada e inconveniente da qual se quer desfazer.

Nesta época, não ter uma família dentro dos moldes tradicionais era sinônimo de vergonha. As pessoas que se envolvessem em relações fora dos padrões da moral eram tidas como péssimas influências. Na escola, Eva e sua irmã Erminda sofreram com as brincadeiras dos colegas.

“Vos no sos Duarte, sos Iburguren”. Al entrar a su clase, Erminda había encontrado escritas en el pizarrón las palabras que le daban más miedo en el mundo. Se había puesto a llorar y las otras chicas, según la calidad de sus sentimientos, se habían compadecido, o largado a reír. Ahora, sentada sobre una roca artificial, en la plaza del pueblo, Erminda le describía su mal rato a la hermanita menor, Eva, que escuchaba en silencio (ORTIZ, A. 1995, p.16)⁴.

Como se não bastassem os comentários da escola, o que se dizia pela cidade, era muito denso para uma criança escutar. Uma vez, Evita ouviu de um bêbado, um comentário desagradável a respeito de sua mãe, sua avó e seu pai, Juan Duarte. “A tu madre la cambiaron por una yegua y un sulky. Es el precio que puso tu abuela doña Petrona para vendérsela a

⁴ Vocês não são Duarte, são Iburguren. Ao entrar em sua classe, Erminda tinha encontrado escritas no quadro negro as palavras que lhe davam mais medo no mundo. Se puseram a chorar e as outras meninas, de acordo com o tipo de seus sentimentos, se compadeceram ou começaram a rir. Agora, sentada sobre uma rocha artificial, na praça do povo, Erminda lhe descrevia seu mal momento a irmãzinha menor, Eva, que escutava tudo em silêncio.

Don Juan" (ORTIZ,A. 1995, p.18)⁵. Além de ser bastarda, ela seria fruto de uma "venda".

A adolescência de Evita tem fatos que mostram que a vida não lhe deu muita trégua. Parecia que queria testar a menina em todos os sentidos antes de brindá-la com fama e dinheiro. Existe um fato, entre muitos outros, que explica sua corrida contra o anonimato, a pobreza e a origem de seus discursos inflamados contra a oligarquia. Foi um passeio a Mar del Plata, com dois rapazes, filhos de pessoas influentes na região. Uma amiga recebeu o convite e foi repassá-lo a Eva. Ingenuamente, as duas aceitaram e foram de carro para o litoral. Os dois rapazes violentaram Evita e sua amiga, deixando-as abandonadas e nuas, na estrada.

Un camionero que pasaba con su familia las envolvió en una frazada y las llevó de vuelta para casa. Evita seguramente pensaba en esos dos cuando, años después, ante el pueblo reunido en la Plaza de Mayo, vociferaba contra la oligarquía hasta quedarse ronca (ORTIZ, Alicia:1995 p.34)⁶.

Eva sempre teve, na mãe, o exemplo de guerreira e mulher forte. Com a morte de Juan Duarte, a situação ficou mais difícil. Os Ibarguren mudaram-se para uma cidade próxima, chamada Junín, e os filhos mais velhos começaram a trabalhar. Dona Juana continuou a costurar e um ano depois

⁵ Trocaram a tua mãe por uma égua e um carro de boi. É o preço que pôs a tua avó dona Petrona para venda a tua mãe ao senhor Juan.

⁶ Um caminhoneiro que passava com sua família as envolveu em uma manta e as levou de volta para casa. Evita seguramente pensava nesses dois quando, anos depois, ante ao povo reunido na Praça de Maio, vociferava contra a oligarquia até ficar rouca.

passou somente a servir refeições para rapazes solteiros. Elisa, a filha mais velha, conseguiu um cargo de professora suplente e depois casou-se com um dos clientes de sua mãe, o major Arrieta, importante oficial do Distrito Militar. Blanca, a outra irmã mais velha de Eva, casou-se com Justo Alvarez Rodriguez, que era professor do Colégio Nacional. Juan empregou-se como viajante da firma Guereño, que era fabricante do sabão Federal (www.evita.4mg.com/). Na nova cidade, Eva retomou os estudos junto com sua irmã Erminda que, por ter a idade mais próxima da caçula, era sua amiga inseparável.

Na escola, ficou nítido que a verdadeira vocação de Eva era ser atriz e atingir o estrelato. Nos dias de chuva, os alunos da escola esperavam nas salas. A professora permitia que Eva fosse de sala em sala declamando. Todos ficavam admirados com a maneira de Evita em recitar os textos.

Todo o esforço por parte da família para que Evita fosse igual às demais meninas causava-lhe desprezo. Seu maior medo era que sua mãe tentasse lhe casar com um novo pensionista. Mesmo sabendo que podia fracassar, ela estava pronta a enfrentar qualquer desafio para atingir seu sonho. Seu maior desejo era chegar ao estrelato, estar em uma posição de destaque.

Uma de suas maiores diversões e fonte de inspiração era

estrela e tentou seguir uma trajetória parecida. Assim como Norma, que nasceu em Montreal, foi pobre e ignorada e buscou a fortuna em Hollywood, Evita, também pobre e ainda bastarda, buscava fama, dinheiro e sucesso em Buenos Aires. Ela sempre voltava do cinema totalmente convencida de que esse era seu caminho. E para não comprometer a estética e engordar, não comia os bifés à milanesa que sua mãe preparava. "Apartando con la mano el olor a milanesas, le decía a su madre: Voy a ser actriz" (ORTIZ, A. 1995, p.33)⁷.

Em 1934, já fazia mais de um ano que a família Ibarguren tinha se mudado para a rua José Airas, 100. A casa era mais confortável e luxuosa, comparando-se às demais em que viveram. Neste ano, Juan estava iniciando-se no serviço militar e os sonhos de Eva em ser atriz direcionavam-se para a capital Buenos Aires (www.evita.4mg.com/).

Sabe-se que Evita chegou a Buenos Aires em dois de janeiro de 1935, mas muitas são as versões sobre a ida da "menina do interior" para a capital. A hipótese mais aceita é o envolvimento de Eva com o cantor de tango Agustín Magaldi, que fazia apresentações nas cidades menores. Ele era um dos artistas mais famosos da época e em todo o país era conhecido como "El Gardel del interior" (www.evita.4mg.com/)⁸. A outra

⁷ Afastando com a mão o cheiro de milanesas, dizia a sua mãe: vou ser atriz

⁸ O Gardel do interior. Cabe ressaltar que Carlos Gardel foi um grande compositor e cantor de tango.

⁹ A versão da família, mais razoável, é que ante a ferrenha decisão da filha, dona Juana a levou a Buenos Aires para fazer uma prova em uma rádio, e Eva finalmente conseguiu ficar na casa da família Bustamante, amigos de sua mãe.

versão, dada pela família, seria que Dona Juana teria acompanhado Evita à capital para um concurso de rádio.

La versión de la familia, más razonable, es que ante la férrea decisión de su hija, doña Juana la llevó a Buenos Aires a rendir una prueba en una radio, y Eva finalmente logró quedarse en casa de la familia Bustamante, amigos de su madre (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.14)⁹.

Independente de qual seja a verdadeira versão, que em se tratando da múltipla Eva Perón é impossível restringir os fatos em algo único e absoluto, ela era como tantos provincianos que sonhavam com a cidade grande. Sempre que chegava a capital, a grande maioria deparava-se com miséria, fome, violência e desonestidade. A Argentina vivia anos difíceis. O processo de industrialização iniciado naquela década atraía milhares de pessoas do interior em busca de trabalho. No caso dos irmãos Duarte, o destino reservou algo melhor. Ninguém se proletarizou. As irmãs tornaram-se professoras ou dona de casa, o irmão trabalhou como viajante e Eva foi a mais audaciosa e virou atriz.

Apesar de dificuldades, a menina do interior, de quinze anos de idade, escolheu a liberdade e seguia por todos os caminhos que se abriam. Fazer uma escolha tão importante com tão pouca idade era algo muito difícil. Assim como Maria aceitou ser mãe do "Salvador" aos quinze, María Eva aceitou

9

tudo o que poderia acontecer consigo ao decidir ser atriz. Ninguém poderia imaginar onde o sonho chegaria.

No sabía - no podía saber - que, con el tiempo, aquella chica iba a ser Evita. Tampoco Evita lo sabía. La historia tiene esas trampas. Si pudiéramos vernos dentro de la historia, dijo Emilio, sentiríamos terror. No habría historia, porque nadie quería moverse (MARTÍNEZ, T. 1995, p.248)¹⁰.

Eva era o mito múltiplo que geraria inúmeros tipos de sentimentos e uma história de vida misteriosa. Ela incitou ódio, paixão e os mais diversos fanatismos. A áurea de Eva era algo que consumia quem se envolvesse com ela. A personalidade forte passava, para quem convivesse com ela, uma sensação de certeza e de estar sempre pronta para decidir tudo. Eva Duarte foi única. Inesquecível e contraditória: fantasia na cama e santa.

Una multiplicidad que se repite sin cesar en la vida de Evita, donde cada acontecimiento está desdoblado o convertido en varios hechos casi idénticos, pero no del todo: así brilla la piedra bajo el agua, quebrada y multiplicada por la refracción de la luz. Duplicaciones de la verdad, reveladoras de que, en el fondo, todo es cierto, y de que cada mentira, olvido o deformación transmiten un mensaje (ORTIZ, A. 1995, p.35)¹¹.

¹⁰ Não sabia – não podia saber – que, com o tempo, aquela menina ia ser Evita. Muito menos Evita sabia. A história tem dessas armadilhas. Se pudéssemos nos ver dentro da história, disse Emílio, sentiríamos terror. Não haveria história, porque ninguém queria mover-se.

¹¹ Uma multiplicidade que se repete sem cessar na vida de Evita, onde cada acontecimento está desdoblado ou convertido em vários feitos quase idênticos, mas não de tudo: assim brilha a pedra debaixo da água, quebrada e multiplicada pela refração da luz. Duplicações da verdade, reveladoras de que, no fundo, tudo é certo, e de que cada mentira, esquecimento ou deformação transmitem uma mensagem.



"(...)eu sairei com o povo trabalhador, eu sairei com as mulheres do povo, eu sairei com os descamisados da Pátria, viva ou morta, para não deixar em pé nenhum tijolo que não seja peronista."

(Eva Perón)

2.2. A Guerreira

Uma catástrofe natural uniu Eva Duarte e o coronel Juan Domingo Perón. Foi um terremoto que ocorreu em 15 de janeiro de 1944 e destruiu a cidade de San Juan e deixou milhares de feridos e mortos. Com intenções políticas, Perón organizou uma mobilização nacional em socorro às vítimas do terremoto. Para isso, foi montado um festival que reuniu as celebridades mais populares da Argentina. Ele foi realizado em 22 de janeiro de 1944, no Luna Park. Neste momento aconteceria "o grande encontro". A nação argentina não seria mais a mesma.

O festival estava marcado para as quatro da tarde, mas o General Perón somente chegou às dez e meia da noite, com o presidente Pedro Pablo Ramírez e a esposa. Ambos pronunciaram discursos, mas foi Perón quem despertou euforia no público, ao falar dos sofrimentos da classe trabalhadora. Pronunciou-se de uma maneira ardente, cheia de entonações que representava a indignação pelas diferenças sociais e um profundo lamento pela catástrofe ocorrida.

Após os pronunciamentos, eles ocuparam seus lugares na platéia. Mais tarde, Ramírez foi embora com sua esposa e dois lugares ficaram vazios ao lado de Perón. Era a "deixa" que o destino precisava para aproximar quem entendia de povo e quem desejava governá-lo.

Quando Ramírez se fue con su mujer, al lado de Perón y de Imbert quedaron sillas vacías. Instante decisivo para dos vidas y para la Argentina entera.

Tan decisivo que las múltiples versiones sobre el modo en que Evita logró ocupar ese asiento vacío divergen has el infinito (ORTIZ,A. 1995, p.67)¹².

Neste momento, o coronel Juan Perón e a atriz Eva Duarte se conheceram. Há tempos que ela vinha pensando no que dizer ao general. Teria que ser algo simples e, ao mesmo tempo, forte. Foi quando ela o chamou e disse: "Gracias por existir" (Martinez,T. 1995, p.192)¹³. Nada mais sincero do que agradecer a existência do ser que faria dela uma rainha.

Mesmo não tendo consciência de onde ela chegaria, Evita enxergava, naquele momento, a grande chance de mudar alguns dos rumos que sua vida tinha levado até agora. Pouco tempo depois começaram a se encontrar no apartamento de Eva na rua Posadas. Perón tinha 49 anos e era viúvo há cinco. Começava, então, o caso de amor de Eva Duarte com o poder. Eva abre as portas de seu apartamento e abriga o general mais poderoso da época em seus braços.

Dentro de suas próprias concepções, os homens não são as causas e sim os meios. Para Evita, uma relação entre homem e mulher não poderia ter só amor. Muito menos uma estrutura banal e patriarcal. O papel do homem seria de fazê-la crescer de alguma forma. Perón precisaria, ao seu lado, de uma bela mulher para aparecer com ele e também explorar a mídia

¹² Quando Ramírez se foi com sua mulher, ao lado de Perón e de Imbert ficaram cadeiras vazias. Instante decisivo para duas vidas e para a Argentina inteira. Tão decisivo que as múltiplas versões sobre o modo em que Evita conseguiu ocupar esse assento vazio se divergem até o infinito.

¹³ Obrigada por existir

radiofônica que tinha um poder de comunicação muito forte. Evita era a junção de tudo isso. Ela era o material perfeito para se construir a vontade, o desejo e a esperança de um povo, porque Eva era o próprio povo. Ela, por sua vez, buscava por um homem com poder; em plena Revolução Militar, Perón seria o ideal. Era a união mais conveniente que havia.

Ésa era su afinidad con Perón, porque tampoco él era muy sexual. En esse casamiento se juntaron dos voluntades, dos pasiones de poder. No fue un casamiento por amor (ORTIZ,A. 1995, p.72)¹⁴.

Era o casal perfeito. Perón conhecia bem a sua vontade em conquistar o poder da Argentina. Só não entendia bem as mulheres; somente prostitutas ou meninhas que freqüentavam os bailes militares. Os homens, somente com os quais ele convivia no exército. Evita era o contraponto. Conhecia as pessoas, tanto do interior, de onde veio, e da capital. As experiências pelas quais passou, convivendo com artistas, produtores e diretores, ensinaram Eva a viver. Ela tinha os olhos mais críticos que os de Perón. Sabia o que era gente, cheiro de perigo e de traição. Entendia bem o que era necessidade, vontade e desejo. Percebia facilmente se a sinceridade guiava as intenções de quem se aproximava.

Evita, en cambio, conocía a la gente. A este conocimiento le debía el haber sobrevivido en la jungla teatral. Por "conocer a la gente" debe

¹⁴ Essa era sua afinidade com Perón, porque tampouco ele era muito sexual. Nesse casamento se juntaram dois desejos, duas paixões pelo poder. Não foi um casamento por amor.

entenderse: sondear los corazones para sopesar la verdadera lealtad o la tentación de la traición. También tenía, como ya lo hemos visto, una virtud personal: esa bondad de tango que la volvía fiel. Perón era abstracto, había encontrado a una compañera siempre alerta, capaz de advertirle... (ORTIZ, A. 1995, p.72)¹⁵.

Perón tinha importantes cargos políticos, sua figura irritava a oposição. Outro fator que agravava a situação era a presença de Evita. Ela não era uma mera Primeira Dama que estava atrás do presidente. Era uma mulher atuante, que interferia; uma "ponte" que leva o povo ao General Perón. Eva Duarte de Perón não era mera coadjuvante, nasceu para ser atriz principal da política argentina. Já que não se consagrou nos palcos da ficção, firmar-se-ia nos palcos da realidade, mesmo que de uma forma fantasiosa e espetacular para os olhos daqueles que a contemplavam.

Em 13 de outubro de 1945, tentaram fazer com que Perón renunciasse aos seus cargos. Ele foi detido e levado à ilha Martín García. Para os trabalhadores, a saída de Perón significava o fim de muitas conquistas trabalhistas; o fim de muitos ideais formados por essa classe; o fim da representação de suas vozes no poder. Na madrugada de 17 de outubro, milhares de trabalhadores marcharam até a Plaza de

¹⁵ Evita, ao contrário, conhecia as pessoas. Este conhecimento se devia ao fato de ter sobrevivido no meio teatral. Por "conhecer às pessoas" deve-se entender por: sondar os corações para verificar a verdadeira lealdade ou a tentação da traição. Também tinha, como já vimos, uma virtude pessoal: essa bondade de tango que a fazia sempre fiel. Perón, o fora da realidade, havia encontrado a uma companheira sempre alerta, capaz de adverti-lo.

Mayo, onde fica a Casa Rosada, sede do governo argentino e exigiram a presença do general de volta.

Aclamado por una multitud que vitorea su aparición, Perón se asoma al histórico balcón de la Casa Rosada y se decide convocar a elecciones. Nace allí un líder y queda definida la vida política argentina de la siguiente década (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.16)¹⁶.

A respeito do papel que Evita exerceu nesta primeira intervenção direta das massas, na história do país, os testemunhos não se desencontram. A própria futura Primeira Dama assume a versão de que ela seria a mentora do movimento na Plaza de Mayo e que liderou a marcha dos descamisados. Marcava-se, neste momento, o início de uma série de intervenções com toques tipicamente femininos e passionais. A Argentina iria experimentar um novo modo de fazer política.

Os meses que seguiram foram muito tumultuados e difíceis. Este tempo foi assinalado por contatos gremiais e políticos que Perón fazia na Secretaria do Trabalho, no "Partido Laborista" (Partido Trabalhista) para dar início a sua candidatura presidencial. "La campaña fue agresiva y violenta, de palabra y de hecho" (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.16)¹⁷.

Havia um trem especial que se chamava El Descamisado, que, no final de dezembro, iniciou uma turnê pelo interior da

¹⁶ Ovationado por uma multidão que aclama sua aparição, Perón despona no histórico balcão da Casa Rosada e decide convocar eleições. Nasce um líder e fica definida a vida política argentina da década seguinte.

¹⁷ A campanha foi agressiva e violenta, de palavra e de atitudes.

Argentina, disseminando o ideal peronista. Evita fazia-se presente de forma intensa nas viagens. O povo argentino começa a conhecer a face que seria o espelho de seu orgulho e o reflexo de suas expectativas.

Es un acontecimiento único para la historia argentina que la mujer de un candidato lo acompañe; aunque no pronunció discursos, Eva participaba en la organización de los actos, repartía escudos, entraba en contacto con la gente. Nacía otra mujer. La actriz había quedado atrás definitivamente (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.16)¹⁸.

Evita incorporou uma nova forma de atuar assim que Perón assumiu a presidência. De personalidade muito forte, levava consigo, naturalmente, o agir e o atuar. Quando assumia o microfone e se dirigia à multidão era inesquecível. O peronismo tinha uma forte mobilização em torno do social e isso dava um espaço muito grande para Eva expandir-se como defensora dos menos favorecidos. Afinal, essa foi a bandeira que ela carregou durante toda a vida como primeira dama. E Perón, em nenhum momento, opôs-se ou tentou deter sua esposa. Seria até uma estupidez, pois Evita tinha um carisma e um poder de persuasão enormes. Era o grande trunfo. E ela assumiu esse papel de uma forma fervorosa, quase fanática e sem nenhuma vergonha.

La redefinición de Eva a partir de ese momento se hizo con relación a Perón como conductor y realizador de los reclamos de la clase obrera: ella sería el eslabón afectivo entre las masas y el

¹⁸ É um acontecimento único para a história argentina que a mulher de um candidato o acompanhe; mesmo não tendo pronunciado discursos, Eva participava dos atos políticos, distribuía amparo, entrava em contato com o povo. Nascia outra mulher. A atriz tinha ficado para traz definitivamente.

líder, la garantía contra desviaciones, el rostro humano de la política. (ELIA,T. e QUEIROZ,J.:1997 p.17)¹⁹

Evita começa a agir politicamente através das agremiações. No quarto andar do Palacio de Correos, ela monta um gabinete e começa a organizar os sindicatos dos trabalhadores e intervir em situações para a melhoria de problemas sociais. Esta relação inicialmente estabelecida com o povo e com grêmios compôs a base de poder de Eva cada vez mais sólida. "Asi mismo empezó a recibir a los carecientes que acudían por una gravitación natural a ella para plantear sus urgencias" (ELIA,T. e QUEIROZ,J. 1997, p.17)²⁰.

No dia 25 de Julho do ano seguinte, ela faz um discurso direcionado às mulheres argentinas sobre as medidas adotadas, pelo governo, contra a especulação e a usura. Nessa época, não só na Argentina, como em quase toda a América Latina, se tinha uma tendência a regimes de caráter nacionalista. "...o Estado tendeu a tornar-se mais centralizador e autoritário, de modo a superar-se a descentralização e o poder político das oligarquias estaduais" (CAMPOS,R. 1999, p.234).

Com esse tipo de ação, Evita não só reforçava os valores peronistas, como atraía o público feminino para os

¹⁹ A redefinição de Eva a partir desse momento se fez com relação a Perón como condutor e realizador das reclamações da classe trabalhadora: ela seria o elo afetivo entre as massas e o líder, a garantia contra desvios, o rosto humano da política.

²⁰ Dessa forma começou a receber os carentes que acorriam por uma atração natural por ela para estabelecer suas urgências.

interesses políticos. Uma grande inovação para a época quando a mulher não tinha voz.

Ávida por inovações, Eva foi o perfil de “ponte” entre o governo e a população. Ela visitava os bairros humildes, fábricas, hospitais, orfanatos, clubes esportivos e culturais, sempre com uma evidente vitalidade, muito luxo e discursos marcados pelo improviso. “... una mujer que crece, se desarrolla, se afirma... y pronuncia discursos” (ORTIZ,A. 1995, p.156)²¹. O luxo, muitas vezes excessivo para os locais, justificava-se no “desejo do povo”. Eva sempre afirmava que “A los pobres les gusta verme linda. No quieren que los proteja una vieja mal vestida. Ellos sueñan conmigo y yo no puedo decepcionarlos” (ORTIZ,A. 1995, p.160)²². A própria Eva já tinha a noção de que habitava o inconsciente das massas e que, em muitas vezes, era modelo e termômetro das emoções.

O discurso preparado era sempre montado por Isabel Ernest. Descendente de alemães, foi uma das principais coordenadoras da Revolução de 17 de outubro, pois conhecia e freqüentava o ambiente sindicalista. Ela se tornou secretária de Eva Perón e redigia os discursos da Primeira Dama. Mas, qualquer que fosse o texto, Eva nunca seguia-os à risca. O toque de improviso deixava sua marca bem gravada no

²¹ Uma mulher que cresce, se desabrocha, se afirma... e pronuncia discursos.

²² Os pobres gostam de me ver linda. Não querem que os proteja uma velha mal vestida. Eles sonham comigo e eu não posso decepcioná-los.

imaginário das pessoas. O discurso era simples, com palavras vicárias, mas tinha uma trajetória poucas vezes vista na história, que acabava por enfeitiçar a multidão. Reiterar era o grande segredo das palavras de Eva. A repetição gerava uma expectativa por palavras familiares. Era importante criar, no povo, a sensação de que a Primeira Dama lia seus pensamentos e que sua boca pronunciava e amplificava as falas da multidão. Era como um tranqüilizante. Um discurso letárgico.

Não satisfeita em marcar a mente do povo com palavras anestésiantes e repletas de fé, Eva fazia o possível para gravar os rostos das pessoas que se aproximavam dela. Ser abordado pelo olhar de Eva refletindo familiaridade e aproximação era a glória entre os milhões que estavam ali, empurrando-se e espremendo-se para estar próximo de Evita. A sua capacidade de memorização era imensa e proporcional ao número de pessoas que a idolatravam. Com essa maneira de agir, Evita dava a sensação para a grande massa que todos eram únicos e que ocupavam espaços diferenciados dentro do seu "imenso coração de mãe que protege". Ela tinha plena consciência de que essa tática seria por demais valiosa. Em meio a uma multidão carente, não só de bens materiais mas de atenção, dar um valor único a cada um era o diferencial.

Una memoria asombrosa que le permitiría grabar miles de rostros. Más tarde, desde el balcón de la Casa Rosada, va a contemplar la inmensa multitud que enegrece la plaza, tratando de reconocer a todos los que pueda, intentando contarlos y también vigiarlos.

Y su rostro contraído se verá devorado por la proliferación fantástica de las células de su cuerpo, réplica de la multiplicación fantástica de los seres en su memoria. (ORTIZ, A.:1995 p.143)²³

A carreira política de Eva começou a organizar-se na Secretaria do Trabalho, que tempos depois tornou-se o Ministério do Trabalho. Um lugar muito simbólico pois foi onde Perón construiu suas bases de poder. Neste lugar, Eva pôde, mais facilmente, entrar em contato com o povo e seus problemas. Evita entendia-se muito bem com o ministro do trabalho, sem muita burocracia, e esse contato proporcionou-lhe, os elementos necessários para iniciar-se na política (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.17).

Durante cinco anos, até a sua doença manifestar-se, Eva trabalhava exaustivamente no Ministério, em jornadas cada vez mais extensas. Ela impunha esse mesmo ritmo aos colaboradores. Fazia tudo com muita intensidade e paixão, que chegava próxima ao fanatismo. As providências com relação aos casos mais urgentes começavam a ser tomadas, logo pela manhã, na própria residência. Já os outros inúmeros problemas sociais ela resolvia depois no Ministério "donde recibía a peticionantes y gremialistas y no se marchaba hasta que todos hubieran sido atendidos" (ELIA, T. e

²³ Uma memória assombrosa que lhe permitia gravar milhares de rostos. Mais tarde, do balcão da Casa Rosada, contemplará a imensa multidão que enegrece a praça, tentando reconhecer a todos que podia, tentando contá-los e também vigiá-los. E seu rosto contraído ver-se-á devorado pela proliferação fantástica das células de seu corpo, réplica da multiplicação fantástica dos seres em sua memória.

QUEIROZ, J. 1997, p.17)²⁴. Em 1947, Eva retirava-se do Ministério por volta das dez da noite, no entanto, por anos sucessivos, muitas jornadas estendiam-se madrugada adentro. Mesmo na época em que ficou doente, Evita recebia conselhos para diminuir a intensidade do trabalho, mas ela se negava. "No puedo, tengo mucho que hacer" (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.17)²⁵. Não ter Evita presente no Ministério representava uma grande perda. Ela atendia pessoalmente a cada necessitado, tentava resolver os problemas como falta de trabalho, medicamento, internação, no momento em que iam reclamar com ela.

No mesmo ano, em 1947, Eva Perón realizou a Turnê do Arco-íres, que foi um giro extenso por toda a Europa. Essa viagem teve origem em um convite do governo espanhol a Perón, com o objetivo de estreitar as relações entre os dois países. A Espanha estava excluída do Plano Marshall²⁶ e, naquela época, recebeu generosos créditos da Argentina. Um dos objetivos dessa viagem era mostrar à respeitada Europa o que os países menos favorecidos podiam produzir. Era uma estratégia de marketing político e diplomático. A ponte que uniria estes mundos tão diferentes seria Eva. "Soy un puente tendido entre Perón y el pueblo. Pasen sobre mí" (ORTIZ, A.

²⁴ ...onde recebia peticionários e gremialistas e não arredava o pé até que todos tivessem sido atendidos.

²⁵ Não posso, tenho muito o que fazer

²⁶ Plano econômico e social anunciado em 5 de junho de 1947 pelo secretário de Estado Norte-Americano George Marshall, cujo objetivo era recuperar a devastada Europa Ocidental com massivos investimentos. (Vicentino, Cláudio e Dorigo, Gianpaolo: História para o Ensino Médio, ed. Scipione, São Paulo, 2002)

1995, p.168)²⁷. Parecia que se estava diante da grande mártir ou profeta, pois nota-se a idéia, na fala de Evita, a frase bíblica "Ninguém vai ao Pai senão por mim".

Em 8 de junho Eva chegou a Madri, com uma comitiva de dez pessoas e uma recepção apoteótica. A Primeira Dama argentina causou uma comoção social em terras estrangeiras que ela própria não imaginava. Era um bom começo para a "via crucis" latina.

Hubo veladas de gala, ópera, corridas de toros, condecoraciones (la más alta que concedía España, la Gran Cruz de Isabel La Católica), ciudades iluminadas en su honor, calles desbordantes de público que la aclamaba (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.17)²⁸.

Apesar de não ter sido recebida da mesma forma nos outros países, Eva desempenhou um bom papel político em todos os lugares. Na Itália, chegou a ser recebida com honras de chefe de Estado. O papa Pio XII concedeu a ela uma audiência privada. Os antiperonistas, inclusive vinculados à religião Católica, foram contra esse contato. Para eles, uma "prostituta" não merecia tal honra. Até abaixo assinado contra essa visita ao papa foi feito. Sua figura cresceu em relevância internacional e até a revista *Time*, que não

²⁷ Sou uma ponte estendida entre Perón e o povo. Passem sobre mim!

²⁸ Houve saraus de gala, ópera, corrida de touro, condecorações (a mais alta que a Espanha concedia, a Grande Cruz de Isabel, a Católica), cidades iluminadas em sua homenagem, ruas repletas de gente que a aplaudia.

simpatizava com o Peronismo, publicou uma reportagem especial sobre a viagem e sua foto saiu na capa.

Por toda a turnê, nos diversos países, ela visitava bairros de trabalhadores e instituições de ação social por vontade própria, pois não fazia parte do roteiro. Mas seguir roteiro ou formalidades pré-estabelecidas não era do feitio de Eva. Ela, mesmo em países de situação financeira melhor, queria estar em contato com o povo. Quando visitou a França, fez doações para os feridos e desabrigados de uma explosão no porto de Brest.

Foram dois meses de atividades intensas, entre visitas diplomáticas e cerimônias. Eva Perón regressou à Argentina de navio, passando pelo Brasil e Uruguai. Nestes países ela cumpriu uma agenda compacta de compromissos. No dia 22 de agosto ela foi recebida com honras e muito triunfo em Buenos Aires. Como toda chegada triunfal, depois de uma "cruzada", Eva toma o microfone para realizar seu discurso. Eram as mesmas palavras de sempre: "amor", "coração", "mensagem de paz". Sempre a mesma reiteração que encanta e hipnotiza a multidão que a escuta com total reverência. Havia terminado a Turnê do Arco-íres.

Evita chegou da Europa com uma motivação ainda maior para trabalhar em favor dos necessitados. Para a Primeira viagem.

Para Evita, a su regreso de Europa, el tiempo urgía. Quizá por eso comprendía muy bien la urgencia de los otros. El hambriento no puede esperar: he aquí una noción muy simple pero ignorada por los que elaboran planes económicos para un futuro radiante con la barriga llena (ORTIZ, A. 1995, p.223)²⁹.

Um mês depois do regresso, no dia 23 de setembro de 1947, foi promulgada a lei que dava, à mulher, o direito a votar. Foi meio século de luta. Essa era a causa que Eva mais defendia. Ao seu nome estava atrelada a idéia da batalha feminina, e com maturidade intelectual ela ressalta e dá importância ao papel social feminino. A Primeira Dama dizia: "La mujer argentina supo ser aceptada en la acción. Se está en deuda con ella. Es forzoso establecer, pues, esa igualdad de derechos" (<http://old.clarin.com/suplementos/especiales>)³⁰.

Evita foi a principal porta voz e defensora dos direitos políticos da mulher, tão importante nas decisões do país, inclusive dos diretos do setor trabalhador. Trazer a mulher para a vida política e fazer com que ela participasse seria inovador e garantia de vitória para o peronismo. No dia da conquista do voto feminino, Eva proclamou as seguintes palavras:

Recibo en este instante de manos del gobierno de la Nación la ley que consagra nuestros derechos cívicos. Y la recibo ante vosotras con la certeza de hacerlo en nombre de todas las mujeres argentinas,

²⁹ (...) Para Evita, com seu regresso da Europa, o tempo urgia. Talvez por isso compreendia muito bem a urgência dos outros. A fome não pode esperar: Eis aqui uma noção muito simples mas ignorada pelos que elaboram planos econômicos para um futuro radiante com a barriga cheia.

³⁰ A mulher argentina soube ser aceita na ação. Se está em dívida com ela. É inevitável estabelecer, pois, essa igualdade de direitos.

sintiendo mis manos temblar de alegría al contacto con el laurel que proclama la victoria. Aquí está, hermanas mías, reunida en la escritura apretada de unos cuantos artículos, una larga historia de lucha, de contratiempos y de esperanzas (ORTIZ, A. 1995, p.211)³¹.

Em 1949, foi criado o Partido Peronista Feminino. Eva foi eleita como presidenta com plenos poderes para agir. Como o próprio nome do partido já mencionava, o princípio fundamental da unidade era a manutenção da doutrina peronista e da figura de Perón. Meses mais tarde se inaugurava a primeira Unidade Básica do partido, que focou muito seu trabalho na área social e na disseminação da ideologia peronista.

O Partido Peronista foi considerado o primeiro a ter mulheres em suas listas. Os frutos dessa criação surgiram nas eleições presidenciais de novembro de 1951, quando 60% dos votos de Perón foram dados pelas mulheres. Neste momento fica evidente que ter Evita jogando no mesmo lado fazia muita diferença. Através da porcentagem alcançada Perón consolidou-se no poder. Essa era uma das várias razões pelas quais Eva Perón irritava e incomodava muito a oposição e a oligarquia.

As ações sociais de Evita tiveram diversos estágios. Por volta de 1947, esse tipo de ação precisava de uma renovação e algo mais de acordo com as necessidades da época.

³¹ Recebo neste instante das mãos do Governo da Nação a lei que consagra nossos direitos cívicos. E a recebo diante de vocês com a certeza de fazê-lo em nome de todas as mulheres argentinas, sentindo minhas mãos tremerem de alegria ao entrar em contato com a lei que proclama a vitória. Aqui está, irmãs minhas, reunida em uma escritura apertada de alguns artigos, uma extensa história de luta, contratempos e esperanças.

Para isso, foi criada a Fundação Eva Perón. Para a Primeira Dama, a fundação iria preencher falhas da organização nacional. Evita tomou à frente de todos os atos da Fundação e fazia dela um grande palco para promover o peronismo. Mas, muito além de uma simples via de disseminação ideológica, a Primeira Dama chegava perto das chagas sociais. Ela conhecia a dor alheia porque se parecia muito com a dor que já havia sentido.

Os principais públicos, mulheres, crianças e idosos, receberam uma série de investimentos com a intenção de melhorar a qualidade de suas vidas. Foram criados asilos, escolas, planos de turismo, colônia de férias, campeonatos esportivos infantis e juvenis, hospitais especializados, casas para acolher mães solteiras, policlínicas, a Escola de Enfermagem e um conjunto habitacional para os trabalhadores. O Parlamento argentino, em ação conjunta com o governo, lançou várias leis para gerar dinheiro para a fundação. A intenção era arrecadar a maior quantidade possível de renda para investir nos planos de ação social, amenizando os níveis de pobreza e desigualdade.

Por un decreto de setiembre de 1946 que propuso el ministro de Economía Ramón Cereijo, se abrió una cuenta especial en el Banco de la Nación, cuenta a la que debían contribuir los diversos ministros, "para adquirir ropas, calzado, alimentos,

medicinas", etc., etc., destinados a los pobres (Ortiz,A. 1995, p.224)³².

Este fundo financeiro era reforçado pelas doações dos sindicatos, com os quais Eva vivia em contato, até o fim da vida. "... puede decir que fue su ambiente de elección, en el que se sentía más cómoda y a gusto" (ELIA,T. e QUEIROZ,J. 1997, p.18)³³. Era uma estrutura de ação social em proporções jamais vistas. A Fundação era sinônimo de perigo e motivo de inveja para a oposição. A ciranda da política peronista fazia-se toda ali: as esperanças e as mazelas do povo eram escutadas e, na grande maioria das vezes, atendidas de imediato. Afinal, Eva fazia-se presente grande parte do tempo na Fundação ou envolvida em seus projetos. A população tinha contato com quem tinha o poder de solução. A Fundação Eva Perón era um lugar em que a massa sentia-se convidada a entrar e era bem vinda.

Na Secretaria (Ministério do Trabalho), Eva recebia todo o tipo de gente que necessitava de sua ajuda. Ela se fazia presente nas ações, não só por prazer em atuar, mas também como forma de reforçar sua imagem.

En la Secretaría recibía a las delegaciones gremiales y a los innumerables peticionantes, gente humilde de todo el país, a la que atendía con una cortesía y una dedicación que es preciso reconocer genuinas. Todos los testimonios coinciden en lo vivo

³² (...) Por um decreto de setembro de 1946 que propôs o ministro da Economia Ramón Cereijo, se abriu uma conta especial no Banco da Nação, conta para a qual deveriam contribuir os diversos ministros "para adquirir roupas, calçado, alimentos, medicamentos", etc., etc., destinados aos pobres.

³³ ... pode-se dizer que foi seu ambiente de eleitoral, no qual se sentia mais cômoda e feliz

de su interés por los problemas que le traían, en el tiempo generoso que le brindaba a cada uno, en su cordialidad sin paternalismo (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.18)³⁴.

A postura de Eva Perón, com as pessoas com as quais lidava, era sempre a mesma, seja pessoas simples do povo, sindicalistas, amigos ou até mesmo ministros. Com estes, a primeira dama, às vezes, era um pouco mais enérgica.

O estilo de vida de Eva era muito austero. Quase não freqüentava festas, somente as necessárias, não fumava ou bebia. Gostava de passar o fim de semana na casa de Perón que ficava em San Vicente. Pouco ou quase nada se sabe oficialmente da vida íntima do casal. Somente boatos contados pelos criados ou pessoas que trabalhavam com os dois. Com relação a intimidade, Eva e Juan Perón eram muito discretos. Intensidade e paixão só se notava nas ações políticas. Por isso, nas celebrações nacionais, inclusive a de 17 de outubro, Evita sempre se fazia presente no balcão da Casa Rosada proclamando mais um de seus discursos inflamados que comovia a multidão. A política foi o grande espetáculo que Eva protagonizou em sua vida.

Y en las grandes celebraciones, de las que el 17 de octubre era la principal, su presencia era infaltable en el balcón de la Casa Rosada al lado de Perón. La plaza colmada se electrizaba al sonido de su voz, amplificada por los parlantes; muchas veces

³⁴ Na Secretaria recebia as delegações gremiais e aos inúmeros peticionários, gente humilde de todo o país, a quem atendia com uma cortesia e uma dedicação que era preciso reconhecer como verdadeira. Todos os testemunhos coincidem no seu mais puro interesse pelos problemas que lhe traziam, no tempo generoso que dedicava a cada um, em sua cordialidade sem paternalismo.

el discurso se transformaba en un diálogo, con las respuestas coreadas por cientos de miles de gargantas (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.18)³⁵.

Estar presente em todo o trabalho da fundação era uma obsessão de Evita. Ela cuidava da instituição como se fosse um pedaço de si mesma; que na realidade era. Essas obras realizadas seriam o legado de uma mulher que fazia questão de não ser esquecida. O estilo peronista e executivo de Eva era o que mantinha os trabalhos da fundação funcionando em ritmo acelerado. "...todas las obras eran supervisadas por ella, tanto durante su construcción como en su funcionamiento" (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.18)³⁶. As visitas feitas às instituições pertencentes à Fundação Eva Perón eram acompanhadas pela primeira dama e, em algumas vezes, por personalidades estrangeiras. Para Evita, tudo deveria parecer grande e repleto de sucesso, mesmo sendo direcionado para um público humilde.

Em 1951 foi identificado um câncer em estágio avançado em Evita. Apesar de improvável, a doença poderia ter influenciado Eva a não aceitar a candidatura a vice-presidência da Argentina, na chapa de Perón. Para este fato

³⁵ E nas grandes celebrações, a de 17 de outubro era a principal, sua presença era essencial no balcão da Casa Rosada ao lado de Perón. A praça lotada se eletrizava ao som de sua voz, amplificada pelos alto falantes; muitas vezes o discurso se transformava em um diálogo, com as respostas em coro por milhões de gargantas.

³⁶ ... todas as obras eram supervisionadas por ela tanto durante sua construção como em seu funcionamento.

há muitas versões, inclusive a vaidade e o orgulho ferido do marido que estaria com inveja do carisma de sua esposa.

Quedaba claro que Evita prolongaba su diálogo con el pueblo porque aún albergaba la esperanza de convencer a Perón. Pero no pudo, y su 17 de octubre terminó en fracaso. Al abandonar la tribuna cayó desvanecida. A causa del dolor, dice el padre Benítez: "Había sentido todo el tiempo esas agujas en el vientre". Y a causa de la ilusión perdida (ORTIZ, A. 1995, p.272)³⁷.

A candidatura de Eva já havia sido proposta, tempos atrás, sem a autorização da primeira dama. Mas em 22 de agosto, na Avenida 9 de Julho, aconteceu um comício peronista. Este evento não foi um simples acontecimento político. Milhares de pessoas reuniram-se para exigir a decisão de Evita, com relação a sua candidatura à vice-presidência. A resposta não seria dada naquele dia, mas a multidão não sairia dali, enquanto não ouvisse a resposta. Neste momento, o grande mito estava submetido aos fiéis que o ritualizam. A face de Eva tinha uma expressão que, até então, nunca teve. O momento era uma pintura histórica perfeita. Foi um diálogo entre uma autoridade e o povo como jamais visto. Era a grande massa reunida, clamando pela continuidade de Evita no poder.

En un memorable diálogo con una multitud pocas veces reunida (se habló de dos millones de personas), Evita intentó presentar su renuncia "a los honores, no a la lucha", le fue rechazada por

³⁷ Ficava claro que Evita prolongava seu diálogo com o povo porque ainda guardava a esperança de convencer Perón. Mas não pôde, e seu 17 de outubro terminou em fracasso. Ao abandonar a tribuna caiu desmaiada. A causa da dor, disse padre Benítez: "Tinha sentido por todo o tempo essas agulhadas no ventre". E a causa da ilusão perdida.

aclamación, pidió tiempo para decidir, cuatro días, (“!No!”), un día (“!No!”), dos horas (“!No! ! Ahora!”). Su comunicación con el pueblo había alcanzado una intensidad única, que esa noche debió de sorprender al mismo Perón (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.19)³⁸.

Perante essa situação Perón sabia que, caso Evita fosse vice-presidenta, ele poderia até ser a autoridade que governava e que daria a decisão final, mas o poder de comando do povo, a manobra das massas estaria nas mãos de Eva Perón. Evita tinha o carisma e o poder de comunicação, de falar a língua das multidões. Ela sabia muito bem os anseios daquela gente. Este fato já era algo presente no primeiro mandato do general, quando ela teve que controlar greves e rebeliões. A presença diária na Fundação de Assistência Social Eva Duarte de Perón mostrava que ela era uma pessoa do poder, mas constantemente com seu eleitorado. Evita representava a promessa que iria ser cumprida. Então, ver a multidão reunida clamando por Evita no poder era a consagração da popularidade e da devoção por ela.

Pero la escena del 22 de agosto es de un carácter improvisado y de una auténtica fuerza dramática que sobrepasan la estrategia. La tardía reacción de Perón tiene una base irracional. Él no había imaginado ni por un solo instante la intensidad del

³⁸ Em um memorável diálogo com uma multidão poucas vezes reunida (se falou em milhões de pessoas), Evita tentou mostrar sua renúncia “às honras, não à luta”, ela foi impugnada pela aclamação, pediu um tempo para decidir, um dia (“Não!”), duas horas (“Não! Agora!”). Sua comunicação com o povo tinha alcançado uma intensidade única, que essa noite surpreendeu até mesmo a Perón.

diálogo amoroso entre Evita y el pueblo. Hallarse oscurecido por el resplandor de una pasión de a dos y excluido del triángulo no estaba en sus planos. Nada desarma tanto al hombre calculador como la irrupción de lo imprevisto. Si se obstinaba tanto, era por celos pero también por rabia de haber caído en la trampa. Perón, el cazador cazado (ORTIZ, A. 1995, p.273)³⁹.

A renúncia de Eva à candidatura aconteceu dias depois, no dia 31 de agosto, através das rádios de Buenos Aires. Um mês depois, ela voltou a falar com o povo através do rádio, convocando os peronistas a defender "seu líder". Naquela época o governo havia destruído uma tentativa de golpe da oposição. A preocupação em defender o regime peronista foi o que preencheu o último ano de vida de Evita.

A doença ia, aos poucos, tomando o corpo de Eva; o corpo, e não o espírito. Mesmo em cima da cama e com saídas cada vez mais esporádicas, ela tinha energia suficiente para participar de manifestos públicos. No dia 4 de junho de 1952, Eva acompanhou Perón à cerimônia de posse de seu segundo mandato. Foi quase um milagre, uma pessoa, no estado de saúde em que se encontrava, conseguir assistir a este tipo de evento. Mas tudo que envolvia Perón ou o peronismo era estímulo, vida ou a morfina mais poderosa para o câncer que

³⁹ Mas a cena de 22 de agosto é de um caráter improvisado e de uma autêntica força dramática que ultrapassam a estratégia. A tardia reação de Perón tem uma base irracional. Ele não tinha imaginado nem por um só instante a intensidade do diálogo amoroso entre Evita e o povo. Encontrou-se ofuscado pelo resplendor de uma paixão a dois e estar excluído do triângulo não estava em seus planos. Nada desarma tanto um homem calculista como o surgimento do imprevisto. Se ele se obstinava tanto, era por ciúmes mas também por raiva de ter caído na cilada. Perón, o caçador caçado.

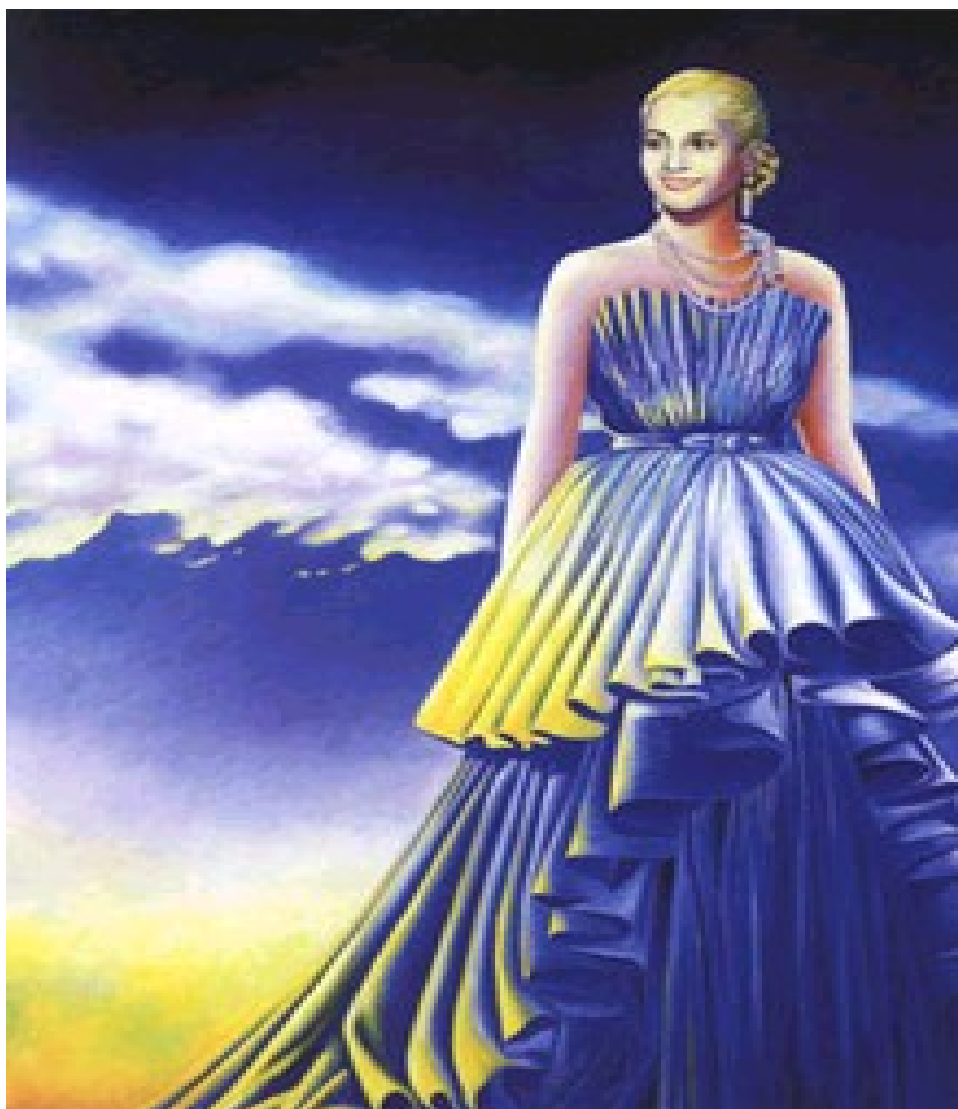
consumia Eva. Nenhuma mulher na América do Sul foi motivo de tanta especulação e controvérsia.

Ela discursou, pela última vez, no primeiro de maio de 52, à multidão no balcão da Casa Rosada.

Su discurso en esa ocasión, en agudo contraste con su cuerpo consumido, fue el más combativo que había pronunciado: "yo saldré con el pueblo trabajador, yo saldré con las mujeres del pueblo, yo saldré con los descamisados de la Patria, viva o muerta, para no dejar en pie ningún ladrillo que no sea peronista" (ELIA, T. e QUEIROZ, J. 1997, p.19)⁴⁰.

Um mito de uma potência única: raiz do ódio e da devoção. Um mês depois, em 27 de julho de 1952, morre a "Guerreira" e nasce a "Santa". O luto vem no ritmo melancólico do tango; em meio à dor de milhares de argentinos e da alegria de outros tantos.

⁴⁰ Seu discurso nessa ocasião, em acentuado contraste com seu corpo consumido, foi o mais combativo que tinha proclamado: "eu sairei com o povo trabalhador, eu sairei com as mulheres do povo, eu sairei com os descamisados da Pátria, viva ou morta, para não deixar em pé nenhum tijolo que não seja peronista.



"E bendiga toda carne o seu santo nome para todo sempre"

(Salmo de David)

2.3. *A Santa*

Há personalidades que extrapolam a própria existência. Eva Duarte de Perón foi "Evita" em plenitude. Abraçou todos os papéis designados pela vida de forma intensa e construiu outros por necessidade ou oportunismo. Assumiu, por fim, o martírio de forma inteligente. "La enfermedad y el dolor me han acercado a Dios. He aprendido que no es injusto todo eso que me está sucediendo y que me hace sufrir" (MARTÍNEZ, E. 1995, p.287).⁴¹ Ela se sentia predestinada a passar por aquilo, como se fosse um sacrifício final. É quase o mesmo que aceitar a vontade do "Pai". Nada mais ideal para alcançar a santidade.

Ninguém se impressionaria com Eva Perón se ela assumisse os problemas do mundo que não têm solução. Por isso ela, por toda a sua vida, agarrou-se às mazelas do presente. A dor tinha que ser resolvida no momento de sua manifestação; a fome não espera; a humilhação não se esquece. Eva tinha uma necessidade constante de amenizar os problemas alheios que tinham a mesma essência dos dramas que marcaram o seu passado. Era um alívio pessoal. Em meio a tanta pressa, ansia e ambição, a menina do interior perseguiu o sucesso e o obteve muito rápido. Uma passagem meteórica, um breve espetáculo que fechou as cortinas aos trinta e três anos... por coincidência ou não, a "Santa" morreu com a mesma idade de Jesus Cristo, padeceu e foi julgada pelo povo, pela

⁴¹ A doença e a dor têm me aproximado de Deus. Aprendi que não é injusto tudo isso que está me acontecendo e que me faz sofrer.

imprensa, pelos militares e por qualquer um que tivesse sido afetado de alguma forma pela sua existência.

A possibilidade de Eva morrer causava uma angústia enorme na população. Milhares de cartas chegavam por parte de seus "gracitas" (maneira carinhosa de se referir ao povo) com palavras de esperança, consolo e fé. As pessoas não queriam cogitar a possibilidade de perderem Evita, que era a esperança materializada. Para isso, o povo interrompia a sua própria rotina de vida.

Em todos os lugares, e principalmente em Santiago del Estero e Chubut, a multidão desesperada implorava que Deus conservasse Eva viva. Cada casa humilde tinha um altar onde ficavam as fotos de Evita, arrancadas de revistas. Tudo era iluminado por velas e decorado com flores do campo. O altar é sinônimo de reverência, é o abrigo e palco da manifestação do mito sagrado. Ali estavam expostos não só os desejos de melhoria mas o início da formação, propriamente dita, da santidade de Eva. Além dos altares, as pessoas organizavam, durante a noite, procissões com flores e fotos. Caminhavam horas de um lado para o outro rezando.

Aos poucos, o povo ia notando que Evita não duraria muito mais. A doença era irreversível. Quando Eva estava para morrer, milhares de argentinos foram capazes de fazer as maiores loucuras e sacrifícios. A razão era simples: Eva era santa, logo iria para o céu. Se está no céu, ela fala com

Deus. Por isso seria importante que ela lembrasse o nome daquelas pessoas que faziam o sacrifício para que eles fossem ditos a Deus; assim a salvação estaria garantida na hora da morte.

As oblações eram as mais pesadas possíveis. Houve um bailarino de tango, chamado Juan Carlos Papa, que dançou durante cento e vinte e sete horas seguidas com várias parceiras em prol de Evita. Outra expressão de desespero foi a de um senhor chamado Carlos de Oro. No dia 22 de agosto de 1951, ele começou a dar voltas em torno do Obelisco e só parou no dia 30 do mesmo mês após uma parada cardíaca. Também em 6 de abril de 1952, Blanca Lidia e Luis Ángel Carriza caminharam de joelhos em volta da Praça de Maio de cinco e quarenta e cinco da manhã até dez e meia. Os casal parou porque a senhora Carriza tinha a rótula exposta. A intensão era pedir pela saúde de Eva Perón. A noção de sacrifício espalhava-se por toda a nação. Os argentinos acompanhavam, cada um a seu modo, a "via crucis" de Eva.

A primeira dama tinha consciência de que seu corpo não iria muito além. Ela sabia que lá fora tinham milhares de pessoas sofrendo junto. As notícias não chegavam em detalhes para que ela fosse poupada. A grande preocupação de Eva era não ser esquecida e também que Perón não abandonasse os pobres. O diálogo que segue, entre Eva e Juan Perón, mostra o

paradoxo de um corpo doente e uma mente sã, que somente abandonou o seu estilo no momento de desencarnar.

- Me paso el día contestando las cartas que te mandan a vos. Son más de tres mil cartas, y en todas te piden algo: una beca para los hijos, ajuares de novia, juegos de dormitorio, trabajos de sereno, qué sé yo. Tenés que levantarte rápido antes de que yo también me enferme.

- No te hagás el gracioso. Sabés que mañana o pasado me voy a morir. Si te pido que vengas es porque necesito encargarte algunas cosas.

Pídame lo que quieras.

- No abandonés a los pobres, a mis grasitas. Todos estos que andan por aquí lamiéndote los zapatos te van a dar vuelta la cara un día. Pero los pobres ni, Juan. Son los únicos que saben ser fieles. - El marido le acarició el pelo. Ella le apartó las manos: - Hay una sola cosa que no te voy a perdonar.

- Que me case de nuevo - trató de bromear él.

- Cásate las veces que quieras. Para mí, mejor. Así vas a darte cuenta de lo que has perdido. Lo que no quiero es que la gente me olvide, Juan. No dejés que me olviden.

- Quédate tranquila. Ya está todo arreglado. No te van a olvidar.

- Claro. Ya está todo arreglado - repitió Evita (MARTÍNEZ, T. 1995, p.14 e 15)⁴².

Se fosse analisar a trajetória de vida de Eva ou mesmo sua atuação como primeira dama, com certeza ela nem precisasse se preocupar em ser esquecida. O seu contato

⁴² - Passo o dia inteiro respondendo as cartas que mandam para você. São mais de três mil, e em todas elas pedem alguma coisa: uma bolsa de estudos para os filhos, enxovais, móveis, empregos de guarda-noturno, sei lá. Você precisa se recuperar logo, antes que eu também fique doente.

- Não tem a menor graça. Você sabe muito bem que estou para morrer. Se eu chamei você foi porque preciso encomendar umas tantas coisas.

- Peça o que você quiser.

- Não abandone o pobres, os meus grasitas. Toda essa gente que vive lambendo suas botas mais dia menos dia vai virar as costas para você. Mas os pobres não, Juan. São os únicos que sabem ser fiéis. - O marido acariciou-lhe o cabelo. Ela afastou suas mãos: - Só tem uma coisa que eu não vou perdoar.

- Que eu me case de novo - ele tentou brincar.

- Case quantas vezes quiser. Para mim, melhor. Assim você vai saber o que perdeu. O que eu não quero é que as pessoas me esqueçam, Juan. Não deixe que me esqueçam.

- Fique tranqüila. Já está tudo arranjado. Ninguém vai esquecer você.

- Sei. Já está tudo arranjado - repetiu Eva.

constante com o povo, as obras sociais realizadas pela Fundação Eva Perón e seus discursos eram suficientes para marcar a história de uma nação. Sempre ao se referir aos pobres, Evita, no improviso, apresentava uma solução rápida e eficiente.

Geralmente, ninguém havia pensado aquelas idéias antes e este era o grande diferencial, era a "salvação". Até aquele presente momento, nenhuma autoridade havia ensinado ao povo a pedir ou desejar. Obedecer era a palavra chave de sempre. Eva, sabendo da importância de ter o povo ao seu controle, transmitia a obediência a Perón de maneira contrabalanceada; amenizada pela sensação de poder pedir. "¡Hagan como yo! ! Deseen! !Pidan lo más caro, lo mejor, el lujo, la felicidad! !Todo les pertenece! !Sírvanse sin miedo!"(ORTIZ,A. 1995, p.96) ou "Hay que querer - decía -. Ustedes tienen el deber de pedir"(ORTIZ,A. 1995, p.161)⁴³.

O demasiado luxo em que ela aparecia perante os pobres era uma maneira de se mostrar superior. Afinal, a "esperança" tinha que ser algo suntuoso, marcante. Mas a elegância que poderia gerar uma certa distância, era quebrada com os abraços, com os gestos de carinho e com as palavras da Primeira Dama. Eva justificava-se no desejo do povo de ter uma protetora bela e soberana.

⁴³ Façam como eu! Desejem! Peçam o mais caro, o melhor, o luxo, a felicidade! Tudo lhes pertencem. Sirvam-se sem medo. (...) Têm que querer - dizia -. Vocês têm o dever de pedir.

Assim que se estabeleceu o peronismo, a imprensa já estava quase toda dominada pelo atual poder. Miguel Miranda, diretor do Conselho Econômico Nacional, comprou para Evita o diário *Democracia*. Além do diário, Eva interessou-se pelo poderoso grupo editorial Haynes, que editava em torno de dez jornais e revistas. Então, o governo adquiriu 51% das ações do grupo e o diretor indicado, por Evita, foi o major Carlos Vicente Aloe. Também foi obtido pelo governo os jornais *La Razón*, *Noticias Gráficas*, *Crítica*, que reuniam os melhores colaboradores e escritores argentinos, e muitos outros diários menores.

A imprensa que não pertencia ao peronismo, muitas vezes, recebia duras censuras. Diários como *La Vanguardia*, *Argentina libre* e a Rádio Belgrano eram fechados por razões diversas e até sem sentido. Com a imprensa nas mãos, era muito mais fácil disseminar a ideologia e controlar a massa. O caráter de Eva também era moldado através dos jornais, dos discursos no rádio ou em público. Neste momento, a Primeira Dama era a pessoa mais doce e acessível, mas quem convivía com ela, conhecia seu lado feroz que a imprensa ocultava.

Se oían chismes sobre los malos humores de la Primera Dama, pero los noticieros sólo ofrecían imágenes benévolas y maternas. Ahora se daba cuenta de que Ella podría ser feroz. Se le formaban dos arrugas profundas en los costados de la nariz y

en esos momentos nadie le sostenía la mirada”
(MARTÍNEZ, T. 1995, p.227)⁴⁴.

Outro fator de relevância era que Perón tinha a seu lado poderosos acessores ou marqueteiros, como Apold, que se encarregou de reunir todas as melhores fotos de Eva assim que ela morreu. Ele se responsabilizou, também, por coordenar todo o trabalho de divulgação através de programas de rádio, jornais e livros impressos, após a morte de Eva. Imprensa é sinônimo de poder. Dominá-la é passo certo para se ter razão ou monopolizar grande parte da opinião pública. Era dar voz à “Santa”, proclamar os seus milagres ou ensinamentos. Naquele momento tão importante, a mídia eternizava a figura de Eva da maneira mais eficiente possível.

Para santificar-se é necessário destacar-se em algum ponto sobre os demais mortais. E para tornar-se venerável é preciso amar de maneira diferenciada, inclusive mediante ao sacrifício que esta escolha impõe. Mesmo com um passado questionável pela moral da sociedade, a atual Eva María, que apagou a “Eva” para incorporar a “Maria”, demonstrou o amor e o desapego em muitos sentidos. “... seus numerosos pecados lhe foram perdoados, porque ela tem demonstrado muito amor” (LUCAS 7,47).

⁴⁴ Se ouvia piadas sobre o mau humor da Primeira Dama; mas os noticiários só ofereciam imagens benevolentes e maternais. Agora se dava conta que Ela podia ser feroz. Formavam nela duas rugas profundas no arremate do nariz e nessas horas ninguém mantinha o olhar em sua direção.

O amor exacerbado por Perón e sua postura de possuir o poder mas aparentemente não almejá-lo, colocava Eva em uma posição de adoração pelo povo. Era o reflexo da esposa fiel, humilde e temente ao marido. Mesmo mediante ao pedido de milhões para que se candidatasse à vice-presidência, ela foi capaz de "negar". Ela teve que, neste momento, engolir o machismo de Perón que não suportaria tal ameaça à vaidade masculina. Eva pôde ter perdido a possibilidade de ter o "poder legalizado", mas roubou a cena ao assumir o papel de humilde.

A palavra Perón era quase um refrão em seus discursos e em sua vida. Eva vivia declarando que sua vida era em função do povo e de seu grande amor. A escolha por amar de forma exacerbada foi o caminho mais eficiente que Evita encontrou de ter poder sobre Juan Perón e sobre o imaginário do povo. Com este tipo de comportamento, ela era observada com muita admiração, afinal amor é entrega, é dedicação e principalmente renúncia. O amor verdadeiro é típico de pessoas com muita virtude. E superar dificuldades através do amor é chegar ao poder de forma honrada e sólida; é se tornar um mártir; isso era uma idéia fixa e obstinada que ela trazia consigo.

El mapa del erotismo es el mapa del poder. En vez del vulgar desasosiego de las esposas por conservar al marido, la difunta se preguntó cómo haria para superar a Perón. Era una idea desatinada, pero todas

sus ideas lo eran. (...) lo superaría por el peso de su amor. El que más ama puede más. Nadie fue más leal que ella, nadie más amante, más confiable, más verdadero. La enormidad de su amor lo abarcó todo. Abarcó también al marido, lo contuvo. Es decir, lo devoro (MARTÍNEZ, T. 1995, p.139)⁴⁵.

Não só a trajetória de vida contribuiu para a eternidade de Eva. Quando foi decidido que seu corpo seria embalsamado, a mitificação concretizava-se. Ser embalsamado implica em eternizar uma figura, estar em um patamar social elevado ou ter o espírito superior. Desde o Egito antigo praticava-se a mumificação como forma de preservar um corpo que poderia ser habitado novamente. É óbvio que essa não era a intenção propriamente dita, mas conservar o corpo da "mártir dos trabalhadores" seria conservar os ideais peronistas e enraizar a essência "Evita" de forma concreta, aos olhos de quem quisesse ver. Lênin, líder da Revolução Socialista, não foi embalsamado por mero capricho ou honra. Getúlio Vargas, no Brasil, não teve seu corpo conservado porém, trechos de sua carta testamento deixam claro sua intenção em ser eterno. Os últimos ideais que ele semeou cabem perfeitamente no contexto histórico de Eva Perón.

Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar

⁴⁵ O mapa do erotismo é o mapa do poder. Em vez do vulgar desassossego das esposas por conservar o marido, a difunta se perguntou como poderia superar Perón. Era uma idéia louca, mas todas as suas idéias eram. (...) o superaria através do peso de seu amor. O que mais ama pode mais. Ninguém foi mais leal que ela, ninguém mais amante, mais confiável, mais verdadeiro. A grandiosidade de seu amor envolveu tudo. Envolheu também ao marido, o conteve. É o mesmo que dizer, o devorou.

sempre convosco.(...)Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço de seu resgate.(...) Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História (Trechos da Carta-testamento deixada pelo presidente Getúlio Vargas no dia 24/08/1954 in: Estudos de História do Brasil, CAMPOS,R. 1999, p.269).

Mais uma vez nota-se o poder das palavras principalmente neste tipo de situação e neste contexto histórico. É nítida a necessidade que os governantes têm em colocar-se como mártir ou santos; alguém capaz de doar a própria vida em favor do povo... ou melhor, em favor de sua própria imortalidade. Foram estes tipos de ideais populistas que arrastaram multidões aos funerais, tanto no Brasil como na Argentina. Sem dúvida nenhuma, o funeral de Eva Perón foi o gran finale. A cena mais tocante para encerrar um espetáculo meteórico digno de palmas pela sua proporção; independente de pensamento, gosto ou opinião.

Quando ela estava sendo velada na sede do Ministério do Trabalho, uma multidão reuniu-se para despedir-se da "Matriarca da Nação Argentina". Era uma fila que ocupava trinta quadras na redondeza do Ministério, proporcional à popularidade de Evita. A manchete do diário *Democracia* traduzia muito bem a cena: "Llora el pueblo su más grande dolor. Evita Mártir del Trabajo, Há Entrado en la

Inmortalidad”⁴⁶. O que se via próximo ao caixão eram mulheres em um pranto convulsivo e de profunda dor. Era incrível a cena que a história pintava naquele momento. O sentimento expressado por inúmeras pessoas era de estar perdendo parte de si mesmos ou alguém próximo... no final das contas, o mito Eva Perón fez questão que o povo assim pensasse.

Através de suas palavras, da Fundação Eva Perón e de gestos como abraçar, beijar ou estender a mão, a relação de intimidade e proximidade foi criada. Foi decretado luto oficial. A bandeira argentina ficou hasteada a meio mastro, com uma tarja negra. A morte de Evita escancarou a dimensão do carisma que ela possuía. O funeral durou treze dias e neste tempo aproximadamente um milhão de pessoas passaram pelo Ministério para velar o corpo da Primeira Dama.

Méδιο millón de personas besó el ataúd. Algunos tuvieron que ser arrancados a la fuerza porque trataban de suicianrse a los pies del cadáver con navajas y cápsulas de veneno. Alrededor del edificio funerario se colgaron dieciocho mil coronas de flores: habia otras tantas en las capillas ardientes alzadas en las capitales de provincia y en lãs ciudades cabeceras de distrito, donde la difunta estaba representada por fotografías de tres metros de altura” (MARTÍNEZ, T. 1995, p.20 e 21)⁴⁷

⁴⁶ Chora o povo sua maior dor. Evita Mártir do Trabalho, Entrou na Imortalidade.

⁴⁷ (...) Meio milhão de pessoas beijaram o caixão. Algumas tiveram que ser arrancadas a força porque tentavam suicidar aos pés do cadáver com navalhas ou cápsulas de veneno. Ao redor do edifício funerário foram postas dezoito mil coroas de flores: havia outras tantas nas capelas construídas nas capitais de estado e nas principais cidades distrito, onde a falecida estava representada por fotografias de três metros de altura.

Nas mesmas proporções de pessoas eram as flores. Muitos corriam com coroas decoradas em lírios para deixar perto da sede do Ministério do Trabalho. De todos os lugares do mundo chegavam aviões carregados de flores enviadas pelos governos ou pessoas comuns. Era um imenso jardim fúnebre que se formava em pleno inverno portenho. O cheiro de morte e de luto fazia-se vivo como nunca. No interior, nas fazendas ou humildes sítios, as pessoas construíam pequenos altares com fotos de Eva, velas e flores. Edificavam-se os "santuários".

O corpo saiu da sede e passou em frente à Catedral de Buenos Aires, na Praça de Maio e dirigiu-se para o Congresso da Nação. O mundo presenciou um dos funerais mais importantes da história. Depois de percorrer toda a Avenida de Maio, a coroa que estava em cima do caixão foi tirada pelos dirigentes sindicais e integrantes do Partido Peronista Feminino. Já próximo ao Congresso da Nação, estes integrantes homenagearam o seu maior exemplo e companheira de lutas e conquistas.

Durante toda essa trajetória que o cortejo percorreu, o que se via eram desmaios, choros descontrolados, mulheres de joelhos rezando e chuvas de flores que caíam dos edifícios. Neste mar de gente, dezesseis morreram e quatro mil foram hospitalizadas tamanho o tumulto e emoção. O cadáver foi conduzido ao prédio da CGT (Confederação Geral do Trabalho), onde ficou por três anos até ser seqüestrado em uma operação

secreta organizada pelo Comando da Revolução Libertadora. Segundo Tomás de Elia e Juan Pablo Queiroz, com a colaboração do Vaticano, o corpo foi enterrado com nome falso em um cemitério de Milão e por dezesseis anos o paradeiro de Evita foi ignorado. Somente em 1976 o corpo foi devolvido à família que o sepultou no Cemitério da Recoleta, bairro nobre de Buenos Aires. "Odiada por unos, santificada por otros, Eva Perón fue una realidad histórica y política que dejó una huella imborrable en la Argentina" (Elia, T. e Queiroz J. 1997, p.184)⁴⁸.

Até a "Santa" descansar em paz, muitos foram os percursos que o corpo fez e inúmeras histórias giraram em torno deste assunto. Casos que mais pareciam lendas; aumentados por muitos, desacreditados por outros... porém, o fato confirmado por todos era: quem perturbou ou adiou o descanso de Eva, morreu ou perdeu a paz de espírito. Um dos principais casos foi do coronel Moorí Koenig.

Ele era um dos principais mentores do seqüestro do corpo na CGT e vivia mergulhado na obsessão de destruir a imagem de Eva e do peronismo. O romancista Tomás Eloy Martínez conversou com a viúva do coronel. De acordo com os relatos, ele terminou em total decadência e ela atribuiu isso à falecida. A esposa conta que Moorí Koenig ficava horas sem falar ou fazer nada. Às vezes, sumia durante semanas, indo de

⁴⁸ Odiada por alguns, santificada por outros, Eva Perón foi uma realidade histórica e política que deixou uma marca indelével na Argentina.

bar em bar e bebendo até desmaiar pelas ruas. Tinha delírios intensos e transpirava muito. Começou a exalar um cheiro insuportável e pouco antes de morrer ele foi visto na Praça Rodríguez Peña chamando pela morte aos gritos.

A viúva ainda relata que não só a perturbação do marido atingiu o seu lar. A "maldição de Eva" manifestou-se através do Comando da Vingança. Era uma espécie de facção peronista fanática que não admitia o golpe militar e o sumiço do corpo de Eva Perón. A esposa do capitão diz que chegou a trocar o telefone três vezes mas sempre descobriam o número. Ligavam fazendo ameaças e uma das piores foi feita por uma voz feminina, que dizia que envenenaria o leite das crianças, que cortariam os seios da senhora Koenig e que às doze horas explodiriam a casa. O coronel não deu muita importância. Na hora marcada, um cartucho de dinamite explodiu e arreventou as janelas, quebrou jarros decorativos e objetos da casa. A filha mais velha foi ferida pelos estilhaços de vidro e tomou doze pontos em várias partes do corpo. Por pouco não ficou desfigurada.

Para os anti-peronistas e militares, Evita era um perigo muito maior morta do que viva. Muito além de sumir com o corpo seria sumir com a figura de Evita do imaginário da nação. Eram historiadores, militares, jornalistas e todo tipo de curioso pesquisando sobre a vida da ex-primeira dama. Os militares tinham um serviço secreto que chegou a ter acesso a

cadernos de anotações e diários. Nada de novo ou de expressivo era encontrado. As histórias eram sempre as mesmas: os casos amorosos para subir na vida, as dificuldades e privações que ela sofreu, os fracassos e sucessos como atriz, as humilhações. Nada que despertasse ódio e sim compaixão. Este era o ponto de dificuldade dos anti-peronistas. Queriam destruir a imagem de "Santa", de "Mártir". Desejavam espalhar raiva e rancor, mas não conseguiam achar nenhum fato histórico que pudesse acender este sentimento na sociedade argentina.

O cadáver embalsamado era o grande motor que moveu todo esse caos. O corpo foi tão bem cuidado pelo médico anatomista espanhol Pedro Ara, que Eva parecia repousar, viva, dentro do caixão. O estado de conservação era perfeito. As cópias feitas em cera por ele também eram impressionantes. Elas foram esculpidas prevendo a queda do regime de Perón e a tentativa em seqüestrar o corpo. Até a própria mãe de Evita chegou a confundir uma boneca com o corpo da filha de verdade. No local onde ficava o cadáver, na Confederação Geral do Trabalho, instalou-se um laboratório rodeado das mais rigorosas normas de segurança, mas não foi o suficiente para impedir a ação dos militares após o golpe.

Com as cópias nas mãos, coronéis, generais e outras patentes de poder imaginaram planos estratégicos para levar o cadáver para fora do país. Até a hipótese de jogar no fundo

do rio La Plata foi cogitada. Eva não teve sossego por um bom tempo, mas segundo os relatos, não deu sossego também. Um fato verídico que foi atribuído à "maldição de Eva" foi em 1976, quando o corpo foi transferido da residência presidencial de Olivos para o cemitério da Recoleta. O motorista, um sargento chamado Justo Fernández, percorreu toda a avenida Libertador assobiando, cantarolando a palavra felicidade e rindo. Ele estava acompanhado de mais dois soldados, quando teve um infarto fulminante. Os soldados pensaram que ele tinha se engasgado com o assobio e puxaram o freio de mão para não se chocarem contra o muro do Automóvel Clube. Com a parada brusca, as veias da garganta dos dois soldados foram cortadas pelas baionetas que eles carregavam. O corpo de Eva se manteve intacto.

Santa, bruxa, demônio ou uma simples mulher, Eva foi uma personalidade impossível de ser ignorada. Era um mito em potencial. Por isso incomodou tanto e despertou tantas paixões, compulsões, alegrias e desesperos. Essa mulher alcançou a eternidade pela proporção como atingiu toda uma época, revolucionando modos de pensar e comportamentos.

A trajetória do espetáculo que regeu a vida de Eva tinha tudo para fazer dela o mito inesquecível. Tomás Eloy Martínez faz observações muito pertinentes sobre a edificação deste grande castelo chamado Eva Perón. Quem a escutava na rádio Belgrano e pensava que ela era uma simples comediante

ao gosto de coronéis e capitães-de-fragata, longe de ser um perigo, surpreendeu-se. A menina do interior saiu do anonimato para ocupar o centro das atenções da vida da Argentina e, às vezes, da rotina mundial de forma meteórica. Se tornou a benfeitora dos humildes e Chefe Espiritual da Nação. Aos vinte e oito anos, quem olhasse Evita agindo e opinando na política do país, horrorizava-se. Não era o papel feminino que ela deveria cumprir. Totalmente fora dos padrões culturais da época, Eva destaca-se entre os "meros mortais" e pessoas comuns. Ela consegue ser diferente. Mas o ser diferente com proporções midiáticas suficientes para ser notado e causar transformações sociais e culturais.

Tudo que faltava a Perón para conquistar o país foi complementado por Eva. Dentro da estrutura de casal ela era o homem e ele a mulher. Afinal, a primeira dama era quem acordava os ministros para lhes dar ordens nos horários mais impróprios, dissolvia greves, demitia jornalistas entre outras atitudes típicas de um "macho" tomar.

Morrer muito jovem, como todos os grandes mitos argentinos, fez com que Eva reservasse um lugar de destaque na Galeria das Estrelas, ao lado de Carlos Gardel, que se foi aos quarenta e quatro anos em um acidente de avião e Che Guevara, que não tinha nem quarenta quando foi fuzilado pelo comando do Exército Boliviano, em La Higuera. A grande diferença entre os dois mitos citados foi que a agonia de

Eva, a sua via crucis, o seu martírio foi acompanhado de perto pelo povo. A dor não era só dela, era de milhões. O sofrimento foi algo conjunto de uma profundidade única. Juntando todas as notícias que saíam, os boletins médicos divulgados, o funeral e o cortejo, foram mais de cem dias morrendo junto com a Primeira Dama. A mitologia de Eva nutriu-se em duas situações diferentes: do que ela fez e do que poderia ter feito caso não viesse a falecer. Abre-se um oceano de justificativas para erros futuros, para mazelas sociais e situações de caos.

Tirar dos ricos para dar aos pobres... nada mais estimulante para uma multidão de miseráveis em plena crise econômica. Escutar da boca de quem estava no poder que a classe que os oprimira tanto iria pagar cada humilhação era a esperança que faltava. Para o povo, finalmente a justiça iria acontecer em todos os sentidos. Mas esse mesmo povo teria que saber desejar, pedir e correr atrás. Eva não admitia vítimas e muito menos fez-se assim.

Nas datas comemorativas, ela distribuía panetones e vinhos, roupas, comida, presentes. Porém nessa "distribuição de renda", a figura de Robin Hood foi construída a cada dia com a Fundação Eva Perón. Para ela, o que a Sociedade Filantrópica fazia era uma eterna exposição da humilhação social. As beneméritas nunca quiseram tê-la como membro, como toda primeira dama faz, assim que o marido assume a

presidência; Eva muito menos fez questão de ser integrante e por isso criou a sua própria Fundação, que foi o seu "Reino dos Céus".

O fetichismo criado em torno de Evita era muito intenso. O simples tocar de Eva era tocar o céu. Muitas pessoas espremiavam-se para alcançá-la ou pegar os maços de dinheiro que ela jogava. Muitas vezes ela pegava uma nota e a beijava. Tinha gente que chegava a emoldurar e exibir a cédula. Mesmo em meio a dificuldades financeiras ou falta de comida, os humildes não tinham coragem de gastar a nota. Os altares que se faziam com flores silvestres e velas era para venerar a imagem de Eva, como uma santa milagrosa. A devoção era a mesma que se tinha pelos santos da Igreja; era a força do culto popular.

Não só as pessoas de renda muito baixa veneravam a senhora Perón. Há objetos beijados ou tocados pela "Dama da Esperança" que foram conservados por muito tempo: o canário empalhado que Eva presenteou ao doutor Cámpora, quando ele era presidente da Câmara dos Deputados; uma mancha de batom na taça de champanhe do Teatro Colón, que foi mantida no museu do teatro por anos, antes de Eva viajar pela Europa; em Mendoza há um lugar que se chama Evita Imortal. Neste lugar existia um vidrinho de descongestionante que ela usou em 1936 para pingar no nariz. Havia, também, uma bata esbranquiçada que ficou exposta entre 1962 a 1967 em uma casa na esquina da

rua Irala com a Sebastián Gaboto. O mais interessante é que o local ficou conhecido como o "Museu do Sudário". E por fim, o próprio corpo mumificado, que é o símbolo de maior auto afirmação do mito.

O relato dos milagres ou das boas ações foi fundamental para que as próximas gerações conhecessem e aprendessem a amar a "emissária da felicidade". Toda família peronista tinha uma história para contar, de ter sido privilegiada ou agraciada com algo que viesse de Eva Perón. É a infinita gratidão por alguém que saciou, em algum momento de uma família, o sonho de um membro.

Evita queria construir um monumento gigantesco em homenagem aos descamisados. Desde tempos mais distantes, os chefes de nações, reinos ou povos gostavam de construções suntuosas e caras. Era uma maneira de marcar sua passagem, não deixarem de ser lembrados e reafirmarem o poder que têm ou tiveram. Em 1951, Eva encomendou o projeto; queria que fosse o mais caro do mundo. Ela dizia que a obra seria para perpetuar o peronismo mesmo que o general Perón e ela já não estivessem mais vivos. No final do ano, Eva aprovou a maquete.

Era um trabalhador musculoso de sessenta metros que ficaria em um pedestal de setenta e sete. Em torno haveria uma praça com estátuas temáticas: Amor, Justiça Social, Filhos Únicos Privilegiados e Direitos da Velhice. No centro

haveria um sarcófago com uma imagem em alto-relevo, igual ao de Napoleão em Invalides, na França. Como toda governante, o ego de Evita era bem aguçado e vaidoso. Ao ver o projeto, empolgou-se e exigiu que no lugar do trabalhador fosse a figura dela. "Así yo me sentiré siempre cerca de mi pueblo y seguiré siendo el puente de amor tenido entre los descamisados y Perón" (MARTÍNEZ, T. 1995, p.196)⁴⁹. Depois que o funeral acabou a empolgação se foi junto com a idéia de construir o monumento.

A literatura também colabora, mesmo que às vezes a contra gosto, para formar toda a simbologia em torno de Eva. O escritor Borges escreveu o texto *O simulacro*, que tenta denegrir a espetacularização do enterro e a falsidade da dor. Ao narrar a história, Borges cria um personagem que é um homem de luto que exhibe uma boneca loira (Eva Perón) dentro de uma caixa de papelão, venerada nos lares carentes e em vários cantos da cidade. O resultado foi justamente o oposto. A interpretação do conto ressaltou a imensidão e o poder de comoção social que Evita podia provocar.

Os textos literários dão um recorte diferenciado na história de Eva e do Peronismo. Eles enfocam mais a questão do corpo morto e ressaltam a sensualidade que arrebatou muitos corações. Um outro escritor, chamado Julio Cortazar, escreveu, em 1950, antes de toda agonia de Santa Evita, o

⁴⁹ Assim eu me sentirei sempre perto de meu povo e continuarei sendo a ponte de amor entre os descamisados e Perón.

texto *Él examen*. Ele narra o desespero de uma multidão que se junta na Praça de Maio para adorar um osso e são capazes de sacrifícios além da capacidade humana em espera de um milagre vindo de uma mulher loira vestida de branco. Outras obras já retratam o lado inovador de Eva. Questionam como seria possível uma mulher não cuidar dos afazeres domésticos e desenvolver uma intuição política tão afiada, com tão pouca instrução.

Segundo Tomás Eloy Martínez, a obra *Evita vive*, escrita por Perlongher, foi motivo de muita polêmica. O escritor queria ser Evita e por isso buscou-a no sexo e na morte. O modo como ele descrevia as situações foi o grande catalizador dos escândalos. Muitos diziam que a obra era uma perfeita difamação e injúria. Mas a intenção era outra, não difamar. O autor queria “vestir Evita com uma escritura sagrada”, tanto que ele realiza uma ponte com o evangelho de João, no capítulo XX. Este trecho bíblico fala justamente da ressurreição de Cristo, que poucos o reconheceram ou não quiseram acreditar que aquele seria Jesus.

Logo que Eva morre, vem a dor e o pesar nos corações dos argentinos. Aos poucos, a “Chefe Espiritual da Nação” começa a renascer de vários modos. Nas mentes, nos altares construídos, nos jornais, nas velas acesas misteriosamente nas ruas, nas lendas em torno de seu corpo e sobretudo nas lembranças que o povo fez questão de não apagar. Mesmo com

todo o esforço dos militares em destruir o peronismo, a figura de Eva manteve-se tão sólida quanto as paixões que foi capaz de despertar.

Evita ainda grita no imaginário das pessoas e nas páginas da história. Ela pode ser tudo; cada um lê o mito da forma que compreender melhor. Eva é múltipla e talvez jamais se saiba quem realmente ela é... afinal ninguém ainda conseguiu definir com toda certeza a figura de Deus. Deuses são inatingíveis e para ocuparem essa posição há de se preservar seus mistérios.

Crenças à parte ou moralismos baratos em cima das diversas analogias feitas sobre Eva, tem de se reconhecer que os "milagres" foram feitos e impressionaram muito; não importa quem realmente seja a "Santa". O povo argentino a coloca como justiceira, a mulher a frente de seu tempo... o mundo a observa como uma forte expressão de poder. A existência de Eva é um exagero e quem se envolve com ela entra em êxtase. Segundo Allan Kardec, na obra *O livro dos Espíritos*, a alma do extático é mais independente e por isso é capaz de compreender a felicidade que habita os mundos superiores. Eva, na fé humilde de muitos, habita justamente esses mundos onde todos almejam viver. Assim como o extático pode se enganar em algumas interpretações, por ainda ter a alma presa a um corpo, analisar o mito santificado, que Evita representa, pode levar o estudioso a oscilar entre o mítico e

o verdadeiro. Mas este é o grande ritual, o melhor mistério.
Assim seja.

Estratégias



DER SPIEGEL



3. ESTRATÉGIAS

Imaginar que alguém que nasceu no interior de um país, em uma cidade em que ninguém tem muita perspectiva de vida ou noção de tempo, possa vir a ser personalidade mundial, é algo quase impensável. Se isso acontece, sempre dizem: "é o destino". Pode até ser. Mas que, em muitos casos, há muitos elementos que são o impulso para que tudo se realize, é necessário admitir.

Eva ambicionava ser uma personalidade, alguém que realçasse na sociedade. Do sonho de menina alimentado nas salas de cinema e nas fotos, revistas acumuladas no quarto, à formação de um dos maiores mitos latino-americano há muitas estratégias. Ela nunca planejou ser uma mulher política, mas essa foi a via mais sólida e segura que esteve ao seu alcance. Estar ao lado de um general de futuro promissor seria a grande chance.

De simples mundana a santa. A transfiguração e a potencialização de qualidades fez de Eva Perón um grande paradigma social da época. As formas escolhidas para se atingir o auge são muitas e bem polêmicas, como tudo que gira em torno deste mito que quase não comporta o próprio conteúdo.



"Ela voltará e será milhões,
escreviam no muros de Buenos Aires"

(Tomás Eloy Martínez)

3.1. *O corpo santo*

Um corpo que carregou consigo muito mais que uma simples realização de um sonho de criança. Que trazia consigo, tempos depois, não meramente o estereótipo da sensualidade mas toda uma expectativa de uma nação... ele era a própria nação. Cada um lê o mito do corpo como quiser e com as declinações do próprio olhar. Para tornar-se um grande mito, uma estrela, é preciso ter atrevimento e insistência. Eva tinha isso de sobra, inclusive antes de sair do interior. Ela foi avisada de todos os perigos que poderia enfrentar em Buenos Aires, mas todas as ameaças eram superáveis. A menina estava disposta a pagar o preço que fosse para realizar seu sonho de ser atriz.

Todos os meios são válidos para uma causa tão nobre. Tornar-se estrela justifica-se como uma questão de Estado, como o sucesso supremo, que transforma o arrivismo em ambição e a ambição em grandeza de alma (MORIN, E. 1989, p.27).

Dos bancos das salas de cinema para os palcos da Argentina e do mundo. De mundana para Primeira Dama e Santa... a figura divina Evita sempre equilibrou a mulher fatal e a virgem. Sempre misteriosa e soberana, mas muito pura e destinada ao sofrimento. Mas o que levou Eva a substituir a sua realidade por uma representação? Que tinha de maravilhoso nessa transfiguração?

Para se transfigurar e atingir o estado glorioso que Evita alcançou, mudanças profundas instalaram-se em sua vida.

Para começar pelo nome. Eva María virou María Eva. Nunca a mulher que corrompeu Adão poderia ficar na frente da mulher que deu à luz ao Salvador. A data de nascimento foi trocada para que não comparassem com a data da morte de seu pai e ela fosse rotulada, ainda mais, como bastarda. O passado era escondido de todas as formas possíveis. Tudo para confundir-se com o natural da sociedade portenha... é a metamorfose da sobrevivência.

A necessidade do disfarce e do lúdico era importante para que Eva pudesse cometer erros e acertos, dentro do universo do arriscar. A opção de vida que ela assumiu aos quinze anos era o grande risco. Coincidências à parte, Maria disse o "Sim" a Deus com quinze anos e decidiu gerar o filho de Deus. Evita, ao dizer sim para um destino totalmente incerto, confiava que estava pronta para gerar a sua própria vida.

Eva precisava e tinha muita vontade de afirmar-se como sujeito social. Era preciso saber bem de quem se aproximar, as amigadas que deveria cultivar, os amantes com quem deveria deitar-se... faria tudo para que fosse levada aos palcos ou aos microfones das rádios. E sem poder imaginar que iria das rádios para os palanques e balcões como a Primeira Dama da República Argentina. Em meio a essa transformação, ela se torna um paradigma social; lança a moda, dita comportamento e faz os salões encherem de mulheres querendo os mesmos

penteados e serem loiras ou os cartórios registrarem milhões de "evazinhas".

A textualização, a espetacularização e a santificação do corpo de Eva deu-se tanto viva quanto morta. Todos se sentiam um só na figura de Eva. Os argentinos estavam atrelados à imagem daquele mito e viviam intensamente o senso de comunidade. Aquela figura repleta de "Dior", brilhos e elegância vivia pelo povo e por Perón. Era a delicada mescla de desejo político, sexual e popular que fez multiplicar e amplificar uma série de qualidades na sociedade do "parecer", onde há uma equilibrada mediação entre sonho, desejo e esperança. Real e imaginário misturam-se e aproximam-se em um mesmo movimento. A alma argentina se enriquece e hipertrofia... o complicado era dar-se conta de todo esse processo.

A alma é precisamente o lugar de simbiose no qual o imaginário e real se confundem e se alimentam um do outro; o amor, fenômeno da alma que mistura de maneira mais íntima nossas projeções-identificações imaginárias e nossa vida real, ganha mais importância (MORIN, E. 1989, p.11).

O estrelato está para o sexo feminino de uma maneira muito mais íntima e à vontade do que para o masculino. A mulher, na era matriarcal, era considerada uma deusa, um ser superior. O homem, por não compreender como um ser vivo podia surgir no ventre feminino, colocava-a em um patamar superior. Mesmo com toda a força e insistência em apagar a áurea

criada, depois de descoberto a participação masculina no processo, ficou no inconsciente a ideologia mística. Esta é uma das razões de considerar o feminino algo naturalmente mítico.

A mitificação se efetua em primeiro lugar nas estrelas femininas: são as mais fabricadas, as mais irreais, as mais adoradas. A mulher é um sujeito e um objeto mais mítico que o homem, nas atuais condições sociais. E, naturalmente, é mais estrela que o homem... Feminiliza-se naturalmente a estrela, a palavra por si só já é feminina (MORIN, E. 1989, p.68).

O estrelato feminino compõem-se basicamente de beleza, espiritualidade e sobrecaráter. Eva fez de tudo para conservar esta base, bem ao seu modo. Ela se enfeitava de peles, jóias avaliadas em milhões de dólares, roupas elegantes e vestidos suntuosos. O luxo era justificado através do gosto do povo. Para ela, as pessoas queriam vê-la sempre linda e forte. O que não deixa de ser uma verdade, pois a beleza maquiada da estrela impõe este padrão como uma constante no cotidiano de quem incorpora o estrelato. Por isso, para o povo foi tão difícil aceitar a morte de Eva. Ela "não teria o direito de ficar doente, parecer mal"; deveria ser permanentemente idêntica a si mesma na sua perfeição.

A espiritualidade de Eva, enquanto viva, demonstrou-se através da "bondade e da preocupação com os descamisados". Sem dúvida, um dos principais motivos que tornou Evita um grande mito político e popular foi sua ação social frenética.

O desapego às honras e luxos que existem quando se é Primeira Dama e um profundo desprezo pela alta sociedade solidificam a imagem de bondosa, de salvadora. Porém, para quem ocupa o lugar de mito, o fato de ser boa e simples tem que se dar de forma diferenciada, para não desaparecer. Uma estrela deve ser humilde para ser acessível, mas ser esplendorosa é fundamental. "...o cúmulo da grandeza é a simplicidade refinada, mas essa simplicidade seria invisível se fosse simples. Deve, portanto, ser ostensiva" (MORIN, E. 1989, p.40).

O sobre-caráter da Primeira Dama foi uma das coisas mais bem sedimentadas. Quando Perón saiu do poder e os militares assumiram, essa imagem de inteligente e incorruptível foi obsessivamente perseguida... mas sem êxito. Nada foi encontrado para que pudessem despertar ódio na população e reverter a figura de mártir que estava instaurada. Eva cumpriu muito bem o papel de sacerdotiza e guerreira, que servia a Perón e aos seus homens servís, ou seja, o povo. Ela realiza o desejo de transcendência e era responsável pelo "religare". Tocar Eva era tocar Deus; ser ajudado por ela, era a expressão da providência divina. Já como guerreira, ela desejava manter o poder, solidificar o peronismo. Tinha uma ambição constante em fazer mais com relação a si mesma e pelos outros. Neste processo constante de doação, o povo respondia à altura, suprimindo o desejo de comunhão e servidão. A Fundação de Ajuda Social Eva Perón era o seu grande "jogo",

onde ela formulou e assumiu suas próprias leis. Estas três qualidades potencializadas articulavam-se entre si de uma maneira muito afinada. O star system montado em torno de Evita foi muito bem feito e amparado pela mídia.

Foi através da palavra que Eva foi conquistando as pessoas. O discurso inflamado, típico de regimes como o peronismo, fazia dos vocábulos algo bem arbitrário. Como a palavra é algo que está ligado intimamente às experiências que uma nação vive, Evita soube articular seus dizeres dentro do que queria ser escutado: a voz da esperança. A oratória simples e comovente abriu a realidade do povo, que foi convidado a conviver com aquilo que Eva pregava. Neste momento, o discurso proferido seguia uma lógica não casual e tinha o objetivo de mexer com o emocional, pois reunia “los componentes imaginário y simbólico dando lugar a la epifanía, al milagro y al misterio” (SACCA,Z. 2003, p.35)⁵⁰. Por falar a língua das pessoas simples, foi criado um teor de aproximação muito forte entre o mito e sua comunidade. Eva passa a ter o aspecto de amiga e principalmente o maternal, de quem toma conta de toda uma nação de filhos.

Mas esta sinceridade de amigo não faz mais que aumentar o prestígio mítico da estrela: o desinteresse nobre, amizade fraternal, a simplicidade refinada atestam sua profunda

⁵⁰ os componentes imaginário e simbólico dando lugar a epifania, ao milagre e ao mistério.

humanidade e a grandeza de sua alma. (MORIN, E. 1989, p.59).

As conseqüências dessa quebra de distanciamento é o incentivo maior ao culto a Eva Perón e o surgimento de revistas, fotografias, correspondências que institucionalizam o fervor. É uma homenagem coletiva que retoma aos fiéis milhares de fetiches que eles pedem. O mito registrava-se no campo do inconsciente de três formas: noção de imaginário, simbólico e real. No imaginário, a construção do eu do povo realizava-se através da imagem do semelhante, neste caso Eva Perón. Assim justifica-se a vontade de assemelhar-se à Evita. No campo da noção do simbólico, os fenômenos estavam estruturados na linguagem. As pessoas são imersas em uma ordem pré-estabelecida que a linguagem impõe e, em conseqüência, nota-se a linguagem peronista, o modo Evita de ser muito bem enraizado. Já na noção do real, que é um caso um pouco à parte, os impulsos manifestam-se, de diversas maneiras, através do objeto de desejo. O objeto de desejo maior era Eva e por isso a morte dela causou tanta comoção. Porque quando não se consegue possuir o objeto de desejo, cria-se fantasmas. É a encenação imaginária do povo que passa a criar as diversas lendas em torno do cadáver, do espírito de Evita. Era uma maneira de tê-la, nem que fosse de forma abstrata.

Sem dúvida nenhuma, ser dona de grande parte dos jornais e das rádios de Buenos Aires foi fundamental para o fortalecimento do mito Evita e do peronismo. Mesmo antes de isso acontecer, os programas que Eva participava e os personagens que ela interpretava já seguravam audiência e faziam sucesso. Porém, sua passagem pelo teatro e cinema não teve a mesma expressividade, inclusive quando se compara aos comícios e discursos políticos.

Evita, quando já estava relacionando-se com pessoas de poder, tinha a preocupação de estar sempre saindo em revistas ou jornais. Era o meio que tinha para não ser esquecida e sempre notada. Quando já estava com Perón, isso se deu com mais frequência. Aos poucos, o padrão "Eva" de beleza e qualidade ia se formando. Mas, sem dúvida, tudo isso ganhou força com as transmissões dos pronunciamentos de rádio, quando todos paravam tudo para escutar a voz de Eva Duarte de Perón. Além do poder de persuasão da mídia, ela, no fundo, transmitia algo que a própria massa queria consumir. Isso deve ser somado ao conhecimento que Eva tinha sobre o poder de comunicação que o rádio tinha. É direto, rápido, não mobiliza ninguém próximo ao aparelho e é muito intimista, na medida em que se deve reproduzir um bate papo. Evita, melhor do que qualquer outra pessoa, sabia muito bem o que falar, como e a quem ela estava se dirigindo. Perón entendia de política; Eva de povo.



Evita era o punctun do peronismo. Ela jamais passava em branco e atraía a visão de todos para si mesma. Era o principal ponto a ser percebido dentro daquela concepção de espetáculo político peronista. Por saberem exatamente o poder de atração e carisma da Primeira Dama, todos os signos artificiais (discursos, revistas, filmes) produzidos por ela, deveriam ser cuidadosamente capitados de uma só maneira pelo povo. O espectador de Eva passa a participar do cotidiano da grande estrela através dos veículos da cultura de massa e da indústria cultural. "Não são mais astros inacessíveis, mas mediadores entre o céu e a Terra" (MORIN,E. 1989, p.20).

Isso não seria muito difícil, uma vez que a multidão que parava para ver ou escutar Eva era composta por indivíduos desvinculados, que não interagiam diretamente entre si e que, ao mesmo tempo, eram o grupo de pessoas desfavorecidas financeiramente. Era por isso que Evita também lidava com maior cuidado e tentava conquistar as lideranças e grupos sindicais, em que o pensamento era mais organizado.

Com toda essa habilidade que lhe era bem peculiar, a Primeira Dama foi tomando a mente do povo e dos que estavam próximo a ela. Eva era ícone por reunir em si mesmas as qualidades potencializadas que a Argentina em crise e carente necessitava. Era símbolo porque nela estava estampado a noção de esperança e proteção para os milhares de descamisados.

Evita era deusa. Os fãs possuíam a devoção e um amor que não provocava ciúme ou inveja. Era algo partilhável em meio a toda a massa que a buscava. "O amor é por si só um mito divinizador: amar é idealizar e adorar. Nesse sentido, todo amor é uma fermentação mítica..." (MORIN, E. 1989, p.27). Era um sentimento pouco sexualizado, porque a imagem de mundana foi desfeita e tinha um teor adorador enorme. "É esta desigualdade que caracteriza o amor religioso, essa adoração não-recíproca, embora eventualmente recompensada" (MORIN, E. 1989, p.52).

Segundo a professora Zulma Sacca⁵¹, a formação mítica de Eva Perón é resposta a um processo complexo que se inicia com a formação do movimento justicialista⁵², nos anos quarenta.

se basa en echos y personajes de existencia verificable y deriva en "edificios" discursivos que por encima de los echos trazan una cartografía más que de la vida de Eva Perón, del pensamiento, del deseo y de la experiencia comunitaria argentina, en otras palabras, trazan un mapa del imaginario colectivo (SACCA, Z. 2003, p.39)⁵³.

Zulma Sacca ainda ressalta que a santidade de Eva sustenta-se sobretudo pela construção do imaginário coletivo e que se firmou, em primeiro momento, pelos relatos orais. A boca do povo solidificou a imagem da Santa Eva: "El pueblo ya lo canta, Evita es una santa"⁵⁴. A literatura veio para concluir este fenômeno através de diversas perspectivas e opiniões. Zulma Sacca ainda ressalta que os textos literários são um espaço privilegiado através do qual se põe em evidência os jogos de poder de diferentes forças sociais, no campo do simbólico.

⁵¹ Zulma Sacca é argentina, de Salta. Formou-se em letras pela Universidad Nacional de Salta e mestre em letras pela Universidad Andina Simón Bolívar, com sede no Equador.

⁵² O justicialismo foi um movimento, na década de quarenta, derivado da expressão justiça social, que fundamentou o Peronismo. Ele foi responsável pelo fenômeno político e social que revolucionou a maneira de fazer política e que é usada até hoje.

⁵³ Se baseia em ações e personagens de existência verificável e deriva em "edificios" discursivos que por cima dos feitos traçam uma cartografia mais que a vida de Eva Perón, do pensamento, do desejo e da experiência comunitária argentina, em outras palavras, traçam um mapa do imaginário coletivo.

⁵⁴ O povo já canta, Evita é uma santa.

Os relatos da vida de Eva e atitudes tomadas para entrar na eternidade fizeram com que todo o processo de mitificação acontecesse de forma especular com a história argentina. Nada mais espetacular que um corpo-nação que tinha uma consciência constantemente ávida por algo e que ainda convidava seu rebanho a desejar. A primeira dama argentina chamava atenção e prendia o olhar. Eva era o espetáculo de caráter público e quem se reunia em torno dela disponibilizava toda sua atenção para aquele mito. A principal função era tornar, cada vez mais, Eva o espelho da nação. O que ela refletia era a simplicidade de quem veio do povo, a esperança de mudança e a santidade. Ela, em muitas vezes, era vista como a via de acesso ao paraíso. O peronismo era um teatro invisível em que o povo era ator sem saber e Evita a protagonista eterna. Afinal, uma política populista bem estruturada se faz com gente simples, muita ação social e discursos repletos de afetação.

Toda a estratégia traçada pela Primeira Dama faz com que ela se encaixe no mito do herói sacrificial e passe também pelo cosmogônico. No sacrificial, que é o mais nítido, Eva é o herói que dá a própria vida em prol dos outros. No universo em que se constrói toda essa cadeia de relações Também é cosmogônica, se observar pelo ponto de vista da renovação do modo de fazer política. O peronismo era uma

grande novidade. A Argentina passava por tempos de crise e de repente vem alguém que distribui comida, roupa, dinheiro. Mediante ao caos social, Eva foi o princípio ordenador (que vem de Deus) e que se manifestou através das palavras e de outros recursos midiáticos da época.

O povo passa a raciocinar que, se agora ele come ou pode se dirigir diretamente às autoridades, é porque o sagrado emprestou sua potência para as coisas existirem e isso ser possível. É a hierofania de Eva Perón. Dentro deste complexo processo de comunicação, distingue-se duas Evas: a espetáculo e a ritual.

A Eva espetáculo mostra e exalta a superioridade do mito que ela representa. Serve de espelho para os espectadores e suas esperanças. A Eva ritual serve para a vivência desse mito formado, no qual o mero espectador passa a não só contemplar mas também participar. É neste instante que a política peronista se firma de forma muito eficiente. Ela se coloca como a fonte provedora das soluções, mas convoca o povo a aproximar-se, a participar e a pedir. Com isso, reitera-se os acontecimentos, vive-se intensamente o mito construído, firma-se conceitos e paradigmas e principalmente luta contra o desgaste do tempo. Recordar... cordis... coração. É deixar com que a figura de Eva esteja eternamente ligada aos corações de quem a amou ou admirou.

O que havia de mais importante em toda essa estrutura era a manifestação do objetivo político: a manutenção da coesão social. Para que ela existisse, era necessário que todos acreditassem em algo em comum. Esse algo seria Eva, o grande trunfo e mito peronista. Mitos formados dessa maneira, como foi Evita, servem para manter o status quo. Ele não tem a obrigação com o real e sim dar conta de uma determinada situação: a formação da ideologia peronista. Por isso que, quando a política populista de Perón começou a falhar, ocorrem greves e manifestações populares violentas.

Neste instante, faz fundamental a ação da Eva espetáculo para que administre de forma bem equilibrada a ida ao caos e a volta à normalidade. A morte de Evita também pode ser encarada como espetáculo que cumpre a função de resguardar uma ideologia. O peronismo já estava passando por crises e pressões. Perder Eva foi uma tática de sair, tempos depois, em posição privilegiada. Como diria Miguel de Cervantes⁵⁵ em Dom Quixote "Porque o herói me parece melhor morto na batalha do que vivo na fuga". Esta é a função social, política, econômica e ideológica que aquele espetáculo poderia cumprir.

Em meio a muitas estratégias, pode-se dizer que sacralizar a figura de Eva talvez tenha sido uma das principais vias para se alcançar a eternidade do mito. Caso a

⁵⁵ Miguel de Cervantes (1547 a 1616) é escritor espanhol do Renascimento, autor do imortal Dom Quixote de la Mancha.

imagem de Evita ficasse vinculada ao ambiente profano, ela seria efêmera e de pouco impacto nas mentes. Eva queria ser eterna, para isso assumiu seu martírio, fez da própria vida um grande espetáculo.

Com a atuação da mídia, e principalmente o funeral e a mumificação do corpo, foi possível ter passado, presente e futuro em perfeita confluência; todos ao mesmo tempo. Evita carregava consigo toda uma história de luta, conquista e muitas vezes de humilhação. Uma atuação política admirável para uma mulher na década de quarenta. No presente, ela estava no caixão, recebendo as homenagens, os prantos, as dores e as preces. O funeral foi a grande festa. Um ambiente de caos, onde as pessoas tentavam suicidar-se ou liberavam seus prantos descontrolados.

Tudo era excesso naquele momento. A própria duração do velório foi enorme. Isso se justifica na medida que, se se quer vida em abundância, dá-se em excesso para que as divindades retribuam na mesma quantidade. As pessoas sabiam que, apesar de morta no caixão, Eva era a santa que se fazia viva, em todas as partes e corações. Como ela estaria, a partir de então, junto a Deus, mandaria graças com muita fartura.

A aceitação da morte acontecia a partir do momento em que as pessoas encaravam a sepultura como uma nova identidade. Era a volta ao útero, a entrada para o mundo

sagrado. A menina que antes era tabu da sociedade argentina, pelo seu passado, virou tóten, o centro das atenções. Já o futuro... ao corpo pertence. Ele conservado significaria a manutenção dos ideais peronistas e do poder que foi possível alcançar e que deveria ser preservado a qualquer custo.

Eva Perón foi transformada em ídolo de uma nação. É importante ressaltar que ela não ocupou a posição de "Diva" e sim de heroína. Ela lutou, interferiu na política do país e não foi um simples objeto de inspiração para homens. As obras sociais realizadas, o esquema midiático em torno do mito e este grande diferencial de comportamento perante as demais mulheres da época são estratégias que fizeram com que Eva fosse um caso à parte. O medo em perdê-la e o fato de temerem tanto a morte da Primeira Dama, justifica-se, segundo MD Magno, no texto *Morte, vida e Espetáculo: ídolo, fã e devoto*, por não se ter idéia do que exista, de fato, entre a vida e a morte.

Desde o início de sua reflexão, Freud dizia que não existe morte no inconsciente, querendo dizer que, em nós, não há marca alguma do que ela seja. Isto porque é uma experiência que ninguém teve, nem nunca terá (MAGNO,MD. 2000, p.32).

É importante lembrar que a relação despertada entre Eva e o povo não foi uma simples identificação. As pessoas manifestaram tal admiração e aplaudiram em excesso porque

viram a impossibilidade ser ou vir a ter um talento semelhante de domínio, de persuasão e decisão política. Em uma sociedade que ignora o ter e o ser, ressaltando o parecer, Evita conseguiu perfeitamente com que as pessoas esquecessem-se do que tudo "aquilo" significava, passando a achar que "aquilo" de fato era.

El 12 Rendirán Homenaje a Eva Perón las Cámaras Legislativas Reunidas en Asamblea
 (información página DOS)
**Con Extraordinarios Acentos
 se Expresa el Duelo Popular**



Buenos Aires, Sábado 2 de Agosto de 1952

Desfilan Nuevas y Densas Columnas Ante el Féretro

Se ha afirmado durante las últimas horas en el ánimo popular la fervorosa decisión de rendir el postrer homenaje a la señora Eva Perón. Sin un momento de desmayo, el pueblo afilza al ministerio de Trabajo y Previsión, desafiando el cansancio y las múltiples molestias que pueda ocasionarle la larga espera. Por eso las filas de la víspera se vieron engrosadas por un mayor contingente ciudadano. Ya en nuestra edición anterior informábamos que en horas de la madrugada, dos largas columnas se extendían por las calles céntricas. Una de ellas, integrada por delegaciones de la Confederación General del Trabajo, se iniciaba en Belgrano y Julio A. Roca. En la segunda, que comenzaba en Bernardo de Irigoyen y Alsina, formaban hombres, mujeres y niños, muchos de los cuales oraban en silencio por el eterno descanso del alma de la Jefa Espiritual de la Nación.

Avanzan Muy Lentamente

Ambas columnas avanzaban con lentitud, pero en perfecto orden. A medida que abandonaban el ministerio de Trabajo y Previsión los primeros en llegar, nuevos grupos se incorporaban a las filas. Durante toda la noche, efectivos del Ejército distribuyeron café y víveres entre quienes aguardaban, al tiempo que colaboraban con fuerzas de la gendarmería y la policía para el mantenimiento del orden.

Cercana ya el alba, y bajo una fría lluvia, las columnas comenzaron a alargarse. Esta vez eran trabajadores los que, antes de iniciar las tareas diarias, aguardaban el momento de rendir el último tributo ante el féretro.

Verdeen las Columnas

Luego, a medida que fue transcurriendo el día —que se presentaba frío, pero sereno— nuevos aportes humanos se sumaban a los que ya esperaban, hasta cubrir varias cuadras. Como en días anteriores, la congoja popular tenía un fiel reflejo en esta muchedumbre que acudía a testimoniar su afecto y gratitud hacia

(continúa en la página DOS)
 GRUPOS de escolares, portadores de sencillas ofrendas florales, que concurren ayer a la cámara mortuoria. Ya en el recinto, ninguno de ellos pudo contener la emoción que los embargaba

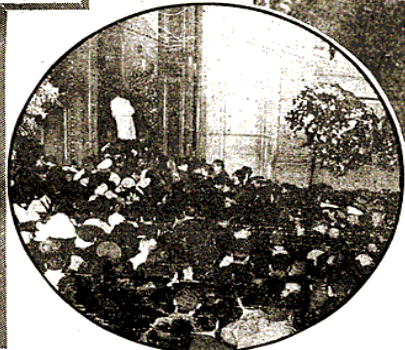


ESTE oficial de la Gendarmería, sumistra alimentos a una persona que integra una de las largas columnas. Aliviase así la espera para poder llegar hacia la capilla ardiente

ANTE una de las puertas de acceso a la sede del ministerio de Trabajo y Previsión, espera una de las muchas delegaciones que llegan para rendir homenaje a la señora Eva Perón



YA EN LA NOCHE, no disminuye el aflujo de hombres, mujeres y niños que aumentaron la densidad de las interminables columnas de las que esportan todos los inconvenientes para llegar hasta la capilla ardiente



OFICIALES de marina argentina que en la tarde de ayer concurren a tributar su homenaje ante los restos de la esposa del primer magistrado, señora Eva Perón

“Não há poder sem imprensa nem imprensa sem poder”
 (Luiz Gonzaga Motta)

3.2. A imagem midiática

Pense no mundo cortado pelo meridiano de Greenwich. Muito além de simples metades, oriente e ocidente guardam valores únicos e bem diferentes entre si. Do lado de cá, no ocidente, a sociedade contemporânea vive intensamente a lógica do "tudo ver e tudo mostrar". É o mundo do espetáculo que não é um mero conjunto de imagens e sim, uma complexa relação entre pessoas mediada por imagens. Quase tudo o que se faz ou que se pensa gira em torno de figuras e símbolos. Com isso, o inconsciente coletivo recebe sua base de influências, inclusive através do marketing cultural e pessoal.

Eva Perón estava amparada por uma equipe de "marqueteiros" muito eficiente e o peronismo detinha quase todos os jornais e rádios de Buenos Aires. Por sua vez, Evita era uma mulher dos palcos, das telas de cinema e do rádio. A união de tudo isso fez com que o mito se formasse de forma eficiente.

A habilidade com os microfones começou em 1935, com a interpretação de melodramas no radio teatro. Onze anos depois, o discurso mudou de tema e de interpretação: a voz áspera, inconfundível para proclamar com empolgação os assuntos políticos, de maneira polêmica, cheia de fervor e reivindicações. Eva aproveita-se da mídia mais popular que é

o rádio para fazer seu marketing pessoal e colocar-se como voz do povo. Em 1946 ela fez um pronunciamento bem ao seu estilo. Este estilo continha uma raiva interpretada e sentida de verdade como ninguém antes viu. Era uma dor própria e também alheia de uma situação social que ela conhecia bem. O discurso de Evita estava longe de ser racional, mas não seria formal ou carente de conteúdo. Depois de proclamar cerca de vinte discursos, Eva começou a melhorar a retórica, com um estilo oratório cheio de palavras nunca antes usadas por ela... mas o toque passional jamais seria deixado de lado.

Han de comprender que yo, como mujer del pueblo, al que en ningún momento he de olvidar, lucharé a la par del coronel, que si abrazó la bandera de los descamisados fue persiguiendo un ideal que no sabe de traiciones ni de renunciamientos. Queremos una Argentina pacífica, poderosa y soberana y una masa trabajadora unida y feliz como ninguna en el mundo (<http://old.clarin.com/suplementos/especiales2>)⁵⁶.

Como Ronald Reagan⁵⁷, Eva Perón veio das raízes do teatro, do cinema e do rádio. Interpretar já fazia parte de sua vida e era a grande arma que proporcionava um poder diferenciado. A interpretação é um dos componentes especiais de composição da imagem dentro da sociedade do espetáculo. É através dela que se forma a concepção sobre determinado mito. Quando Eva decidiu acompanhar Perón em sua campanha política,

⁵⁶ Não de compreender que eu, como mulher do povo, em nenhum momento hei de esquecer, lutarei ao lado do coronel, que abraçou a bandeira dos descamisados, foi perseguindo um ideal sem traições e renúncias. Queremos uma Argentina pacífica, poderosa e soberana e uma massa de trabalhadores unida e feliz como nenhuma outra no mundo.

⁵⁷ Ex-presidente dos Estados Unidos. Conduziu programas de tv, antes de entrar na política. Era conhecido como o “Candidato Eletrônico”.

mesmo ficando em segundo plano, destacava-se, inclusive por ser a primeira mulher a participar diretamente de uma campanha eleitoral e pelo modo como abordava as pessoas. Ela também já era famosa por causa dos programas de rádio, o que a tornou ainda mais popular.

La razón era que la radio la había hecho famosa en las provincias. Tenía un talento natural, y su mensaje llegaba indudablemente a vastos sectores de la población, pero no resulta sencillo calificarla como comunicadora porque contó con el apoyo incondicional de la radio, en esos años en manos del Estado(www.old.clarin.com/suplementos)⁵⁸.

Eva era uma atriz que guardava outras tantas dentro de si. Além de ter sido uma artista da fome e da humilhação, por questão de sobrevivência, sua passagem pelo cinema e teatro foram tecendo, mesmo que de maneira frívola, as demais atrizes. No final dos anos trinta, José Franco, um ator de uma companhia de teatro, deu a ela um papel que quase não tinha fala. A peça se chamava A senhora de Pérez. Mais tarde, na companhia teatral da filha de José Franco, Eva Franco, Evita ganha mais dois papéis pequenos em Cada casa é um mundo e A dama, o cavalheiro e o ladrão. Já na peça Madame San Gene, os papéis passam a ser mais significantes. De relevância, só seria na companhia de Pepita Muñoz, na obra O

⁵⁸ A razão é que a rádio a tornara famosa nas províncias. Tinha um talento natural, e sua mensagem chegava, sem dúvida nenhuma, a inúmeros setores da população, mas isso não significa que ela deve ser qualificada de comunicadora porque contou com o apoio incondicional da rádio, que nesses anos estava nas mãos do Estado. Alberto Borrini é jornalista especializado em temas de teoria da comunicação.

beijo mortal. Mesmo não sendo papéis de peso, Eva já estava expondo o seu rosto no meio público.

Com o cinema, ela começou a destacar-se um pouco mais, mesmo as atuações não sendo memoráveis. Entre 1940 a 1942, Evita participou de três filmes: A carga dos valentes, O mais infeliz do povo e Uma noiva em apuros. O ciclo de filmes encerrou-se, sem muita expressão, com O desfile de circo.



Independente da importância destes papéis que Eva interpretou, é nítido que o cinema sempre provocou um fascínio e ser fascinado é estar no mais profundo estado de distração e alienação. O cinema foi o grande difusor de imagens e, através dele, mitos artificiais foram feitos,

desfeitos e consumidos. Evita foi motivada a correr atrás de seus sonhos por causa do contato com a sétima arte. Assim como o excesso de luz cega, o de imagem também.

Sem dúvida nenhuma, o radioteatro foi a grande porta para o estrelato. Neste momento, Eva começa a fazer o próprio nome e aparecer em capas de revistas. Havia uma que se chamava *Antena*. Era uma publicação dedicada a mostrar a rotina da produção radiofônica e ela, como co-estrela das rádios, começou a ser reconhecida através da mídia impressa. Além da formação das primeiras imagens públicas, no rádio Eva desenvolve, através das radionovelas e propagandas, a intimidade com o microfone. Ela passou a reconhecer e ter noção do quanto era poderoso aquele meio de comunicação. Com este diferencial, podia-se controlar toda uma nação. A "dama da esperança", sem dúvida, fez dos microfones os grandes transmissores da ideologia e fantasia peronista.





Determinados fatos que ocorreram na vida de Eva, quando ainda estava atuante na política, fizeram com que a imagem midiática ficasse bem registrada na mente das pessoas. Isso ainda foi reforçado com os discursos que proclamava nas ocasiões.

O primeiro item a ser lembrado é o voto feminino. Em 23 de setembro de 1947, foi sancionada a lei que permitia a mulher votar. Era derrubado um tabu de muitos anos. Era o convite às mulheres a atuarem em um mundo, até então, de

domínio masculino. Como Evita foi a principal comandante de todo este processo, ela mesma, por mais uma vez, faz dos microfones a consagração de sua voz e imagem mediante a multidão. No dia seguinte, sem dúvida, esta manifestação pública e as palavras de Eva já estariam nos principais jornais e revistas.

Aquí está, hermanas mías, resumida en la letra apretada de pocos artículos una larga historia de lucha, tropezos y esperanzas(...) Mis queridas compañeras, hemos llegado al objetivo que nos habíamos trazado, después de una lucha ardorosa.(...) Hemos roto los viejos prejuicios de la oligarquía en derrota(...) Tenemos, hermanas mías, una alta misión que cumplir en los años que se avecinan. Luchar por la paz. Pero la lucha por la paz es también una guerra. Una guerra declarada y sin cuartel contra los privilegios de los parásitos que pretenden volver a negociar nuestro patrimonio de argentinos ⁵⁹.

No jornal *Democracia*, de 11 de agosto de 1948, foi publicado um artigo que falava da importância de se cuidar das crianças de um país. Supostamente este artigo seria de autoria da Primeira Dama. Mais uma vez, usa-se, em mídia impressa, um elemento que sempre teve um apelo forte, inclusive em universo político: a infância. As palavras escritas no *Democracia* estavam atribuídas a uma mulher; à Dama da Esperança; à mãe da Argentina.

⁵⁹ Aquí está, irmãs minhas, resumida na letra apertada de poucos artigos uma enorme história de luta, tropeços e esperanças(...) Minhas queridas companheiras, chegamos ao objetivo que tínhamos traçado, depois de uma luta árdua(...) Estragamos os velhos prejuízos de uma oligarquia derrotada (...) Temos, irmãs minhas, uma alta missão que cumprir nos anos que se aproximam. Lutar pela paz. Mas a luta pela paz é também uma guerra. Uma guerra declarada e sem quartel contra os privilégios dos parasitas que pretendem voltar a negociar nosso patrimônio de argentinos.

El país que olvida a la niñez y que no busca solucionar sus necesidades, lo que hace es reunciar al porvenir (...) En mis viajes por el país(...) comprobé con horror, que hay provincias argentinas donde la mortalidad infantil llega a las cifras de 300 por mil. Verifiqué que había centenas de miles de niños nuestros que casi no conocían ni la carne ni el pan, aunque habían nacido en un país exportador por excelencia de esos dos elementos básicos alimenticios (...) Y me dije a mí misma que, aunque pareciera mentira, eso pasaba aquí, entre nosotros, en un país lleno de riquezas, en un país de hombres que se llenaban la boca con las palabras más sonoras, baranjando los conceptos de justicia, solidaridad, patriotismo, fraternidad y ayuda. Pero allí estaban los necesitados, olvidados y escarnecidos, esperando inútilmente que los señores de la política quisieran preocuparse por los que tenían que fundamentar el porvenir de la Nación ⁶⁰.

Nota-se que, neste artigo do *Democracia*, Eva lida com elementos que geram a compaixão direta. É a fome, é a pobreza de recursos, a desnutrição e números das taxas de mortalidade infantil. O tom dramático do artigo leva quem lê a imaginar a situação, mesmo que não tenha presenciado. O mais importante é que Evita assume e traz para si a responsabilidade de reverter a situação. Põe-se, mais uma vez, no papel de heroína e de juíza, decreta sua sentença sobre a passividade da oligarquia mediante o problema.

⁶⁰ O país que se esquece da infância e que não busca solucionar suas necessidades, na verdade renuncia ao futuro (...) Em minhas viagens pelo país (...) comprovei, com horror, que há provincias argentinas onde a mortalidade infantil chega a números de 300 por mil. Verifiquei que havia centenas de milhões de crianças nossas que quase não conheciam nem a carne nem o pão, ainda que tenham nascido em um país exportador por excelência desses dois elementos básicos alimentícios (...) E disse a mim mesma que, ainda que parecesse mentira, isso se passava aqui, entre nós, em um país cheio de riquezas, em um país de homens que enchiam a boca com as mais sonoras palavras, confundindo os conceitos de justiça, solidariedade, patriotismo, fraternidade e ajuda. Mas ali estavam os necessitados, esquecidos e humilhados, esperando inutilmente que os senhores da política quisessem preocupar pelos que tinham que construir o futuro da nação.

Nesta época, mais do que em qualquer outro tempo, a idéia de Estado Patriarcal (aquele de onde tudo provém) era difundida a todo custo; típico da política populista. No Brasil acontecia da mesma forma com Getúlio Vargas, que era considerado o "Pai dos Pobres". Eva era a mãe, a provedora. O início para o fim dos problemas.

Os jornais tiveram um papel fundamental na construção da imagem midiática de Eva; antes de ser a esposa do General Perón, durante o casamento e inclusive na morte. O diário *Clarín* publicou edições que iam narrando o sofrimento de Evita, todo o velório e as homenagens prestadas. As pessoas liam, consumiam os textos repletos de sentimentalismo. O luto era algo estampado não só nas primeiras capas dos jornais, mas nos rostos das pessoas e nas mentes. Na seqüência seguinte, vai ser possível ter uma mostra das representações de Evita, tanto como Eva Duarte, a bela atriz, quanto a mulher que saiu na importante revista *Time*, quanto a seqüência de publicações do *Diário Clarín*.



Primeira vez que Eva sai na revista Time. Edição de 14 de Julho de 1947.



As únicas mulheres que foram capa da Revista *Time* mais vezes que Eva Perón foram Maria, a mãe de Jesus, e a princesa Diana, com oito aparições; logo depois a atriz Ava Gardner e a Primeira Dama dos EUA, Margaret Truman, com 6 publicações. Eva apareceu duas vezes.

Eva Perón apareceu nas capas da Revista *Time* entre 1947 e 1951. Na capa da revista alemã *Der Spiegel* em 1947. Ainda saíram notas a seu respeito nas revistas *Life*, *Hola* e *Paris Match*. Muito antes de ser popularizada através de uma ópera em Londres, ela já era fenômeno mundial. Sem dúvida, o que mais contribuiu para isso foi a "Turnê do Arco-Íris".

Mesmo listando todas as publicações, seria um erro medir a proporção deste mito pelo número de páginas ou de capas que ele ocupou. Os números são um bom indicativo para se ter noção de como Eva era suficientemente interessante para ser tão noticiada.

No caso da revista *Time*, explica-se a aparição de Eva pelo fato de que a Argentina e o governo peronista despertavam muitas curiosidades e receio no governo americano. Então, a revista decidiu aproveitar a turnê feita pela Europa para tirar suas dúvidas a respeito deste "mito chamado Evita" e publicou: "Eva Perón. Um arco-íris entre dois mundos". Fez-se uma referência à posição do governo de manter-se distante dos desacordos Leste e Oeste, marcados pelos bloqueios soviético e americano.

Quem desenhou a capa da revista *Time* exposta acima foi Boris Chaliapin. Em 1951, quando Eva tornou a sair junto com o general Perón, Boris desenhou junto com Ernest Baker. Eles eram um dos mais importantes ilustradores da época, que junto com Boris Artzybasheff formavam o famoso "Trio ABC".

HA MUERTO LA SEÑORA EVA PERON

En Trabajo y Previsión Serán Velados sus Restos; Dos Días de Duelo Nacional y 30 de Luto Oficial

Año VII 2.448
 Diario de la Mañana
Clarín
 40 CENTAVOS
 Buenos Aires, Domingo 27 de Julio de 1952

Proyecciones de un Sacrificio

FVITA ha muerto! El nombre sencillo y tierno con que siempre la designó cariñosamente el pueblo, asume, en estos momentos, la grave resonancia de un lamento funerario que cubre en toda su extensión el ámbito del país. La cunaja pública se ha convertido en lágrimas.

larr, animosa, hacia la conquista total de sus derechos y reivindicaciones. Así la veía y así la sentía el pueblo: casi como a un ser fantástico y muy próximo, un ser conviviente que comparte el pan de la mesa y el techo del hogar común, entrevera do a sus ansias, a sus deseos más extraordinarios que la patria ha conocido.

El Decreto de Honores

SUBSCRIPTO por los mila... Nacional se dio a conocer...
 "Eva Perón" ha muerto. La República está de duelo. El pueblo argentino todo, en su que tiene de más noble y d... más puro. Hora la pérdida d... la mujer más extraordinaria que la patria ha conocido.

Unánime y Profundo es el Duelo Nacional

Vasta y Desconsoladora Impresión Produjo También en el Extranjero la Desaparición de la Señora Eva Perón

EL PRIMER MAGISTRADO, general Juan Perón, ora ante el féretro que guarda los restos de su esposa, la señora Eva Perón, poco después de instalado el mismo en la capilla ardiente, en el Ministerio de Trabajo y Previsión. Momentos más tarde se ofició en el lugar una misa de cuerpo presente.

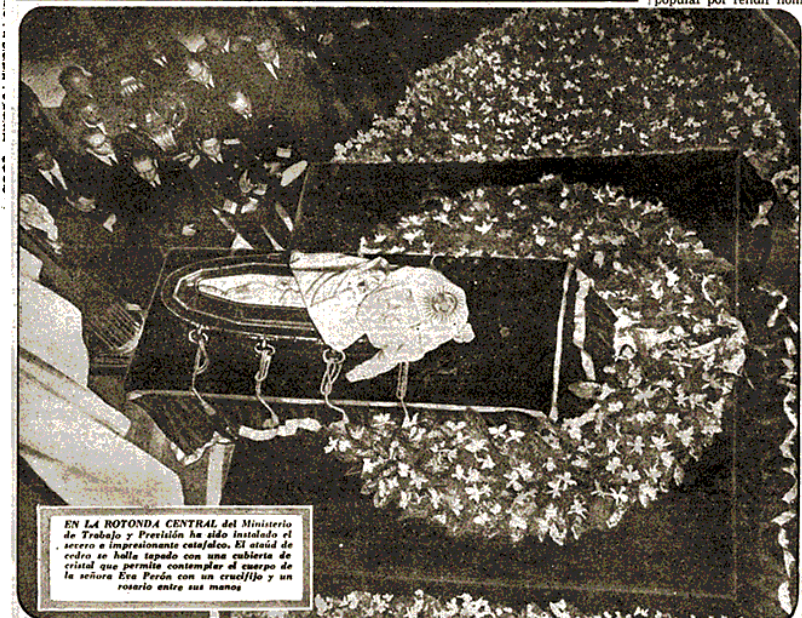


Año VII N° 2.449
 Diario de la Mañana
Clarín
 40 CENTAVOS
 Buenos Aires, Lunes 28 de Julio de 1952

Desfila Ante los Restos Una Atribulada Multitud

A las 9.30 hizo el traslado

EN torno a dos puntos centró su emoción durante la madrugada y la mañana de ayer la ciudadanía acongojada por la noticia de la muerte de la señora Eva Perón: la residencia presidencial y la sede del ministerio de Trabajo y Previsión. En aquélla se hallaban los restos; en ésta serían velados. Afiliaban ininterrumpidamente grupos que engrosaban la muchedumbre reunida en ambos lugares y que no los abandonó ni bajo el castigo de la lluvia, que resultó molesta en algunos momentos, ni por el imperio de la fatiga acumulada en largas horas. Al mismo tiempo, el afán popular por rendir homenaje a la ilustre extinta conjeturaba posibles itinerarios para el traslado de los restos de un lugar al otro, e interminables columnas de personas se ubicaban a lo largo de aquéllos, aunque infructuosamente.



EN LA ROTONDA CENTRAL del Ministerio de Trabajo y Previsión ha sido instalado el féretro a impresionante catafalco. El ataúd de cedro se halla tapado con una cubierta de cristal que permite contemplar al cuerpo de la señora Eva Perón con un crucifijo y un rosario entre sus manos.

★ **Banderas Enlutadas**
 El traslado, desprovisto de toda pompa, fue llevado a cabo rápidamente, mientras la ciudad entera mostraba el luto en las banderas izadas a media asta y con crespones, al igual que las hileras de faros encendidos aún, pero oculta su luz bajo el paño negro. Así, prácticamente sin transición entre las primeras escenas de atónico suspenso y las posteriores de dolor, pasó la noche y llegó el alba gris que preanunció un día nublado, que sólo horas más tarde mostraría un cielo despejado y sereno.

★ **Adhesión Popular**
 Las calles, que en ningún momento estuvieron desiertas a pesar de hallarse cerrados todos los negocios, se cubrieron en el centro y alrededores de la residencia presidencial, a medida que avanzaba el día, y los medios de transporte —que pararon simbólicamente, al igual que los periodistas, gráficos y otros gremios— resultaron insuficientes para

(CONTIENEN EN LA PAGINA DOS)

El Congreso Nacional Rindió Homenaje a la Sra. Eva Perón Serán Velados sus Restos en el Palacio Legislativo

Bajo la Lluvia Prosiguió su Espera la Enorme Multitud Para Desfilear por la Capilla Ardiente

Por Muchas Cuadras se Extienden las Columnas

Duelo y Homenaje de la Gente de Prensa

MUY dolorosamente tenía que repercutir en el corazón y en el ánimo de la gente de prensa el fallecimiento de la señora Eva Perón. La extinta estuvo vinculada siempre, espiritualmente, a los hombres de pensamiento y de pluma. Situada, por sus preocupaciones sociales e inquietudes culturales, en ese plano superior de las actividades humanas, no podía ella, una vez entregada de lleno a la ardua causa de redimir y dignificar a los trabajadores argentinos, olvidar a quienes también necesitaban de su solidaridad y de su apoyo. Es seguro que la esposa del jefe del Estado contribuyó en alto grado a que el gremio periodístico lograra pronto las mejoras y conquistas de que disfruta desde hace siete años y que han ido ampliándose con sucesivas reformas legislativas y perfeccionamientos reglamentarios. Por eso, la enfermedad primero y finalmente su deplorada muerte, han significado amargos y penosísimos trances para los profesionales, empleados y obreros de las empresas periodísticas. El hondo duelo de la gente de prensa por la muerte de la señora Perón y su homenaje póstumo a la ilustre dama han quedado, así, presali y ampliamente exteriorizados en las declaraciones hechas públicas por el Sindicato Argentino de Prensa, el Círculo de la Prensa, la Federación Argentina de Periodistas, la Asociación de Escritores Argentinos, la Federación Gráfica Argentina, el Sindicato de Vendedores de Diarios, Revistas y Afines de la República Argentina y demás entidades vinculadas, directa o indirectamente, a quienes escriben, hacen, distribuyen y ponen en manos del lector las publicaciones que se editan dentro del territorio patrio. Es natural, pues, que los personales de redacción, administración y talleres de los órganos periodísticos rindan con entrañable sentimiento y expresiva devoción su homenaje póstumo a la insigne luchadora durante los minutos de pausa fijados para el caso por la C.G.T., a la que están generalmente adheridos. Igual consola íntima han trasuntado en todo momento los comunicados de la Subsecretaría de Informaciones que, dirigida y animada por profesionales de la prensa, exterioriza, en el plano de la vida gubernativa, la sensibilidad del gremio. De ahí también que la dirección de CLARÍN resolviera, desde el primer instante, reemplazar el color rojo — que constituye la característica distintiva permanente de nuestro diario — por el negro en todas sus páginas. Es el homenaje que CLARÍN, en consonancia con el duelo nacional e interpretando el sentir y el pensar de la gente de prensa, ha querido tributar a la eminente ciudadana que no titubeó en sacrificar su vida en holocausto de una causa a la que se entregó en cuerpo y alma hasta el último aliento de su extraordinaria existencia.

Año VII N° 2.450
Diario de la Mañana
Clarín
40 CENTAVOS
Una copia de muestra para la edición argentina de los periódicos extranjeros

Buenos Aires, Martes 29 de Julio de 1952

MULTITUDINARIA fué también la demostración de pesar que se manifestó ayer, principalmente en torno al edificio del ministerio de Trabajo y Previsión, donde se velan los restos de la señora Eva Perón. Organizada la densa muchedumbre, se formaron filas que en muchos momentos abarcaron cuadras y cuadras. Una de ellas llegó en ciertas horas de la noche hasta Hipólito Yrigoyen y San José, la otra se extendía hasta la avenida 9 de Julio, para serpentear ambas y avanzar, con renovados grupos que se incorporaban a las mismas en un afán por dar el último adiós a la extinta dama, que les hacía despreocupar la fatiga y no cejar ni siquiera ante los muchos y fuertes chaparrones que azotaron a la ciudad.

Lágrimas, Flores y Plegarias

Mientras tanto se suman también las ofrendas florales llegadas de todas partes de la Capital, el Gran Buenos Aires y puntos lejanos del país. Prácticamente han quedado arrasados jardines y viveros para volcar sus productos en la expresión de homenaje que quiere la ciudadanía rendir a la señora Eva Perón.

★ En la Madrugada

La noche no ha amenguado el fervor de las multitudes, ni la demora desanima a nadie. En transportes colectivos que llegan al centro repletos, viajan centenares de personas dispuestas a tributar ese último homenaje a la mujer que logró reunir multitudes para escuchar su palabra, y todos aquellos que vitorearon su nombre con frenético entusiasmo, lo musitan ahora junto con piadosas oraciones.

Mujeres que no ocultan sus lágrimas y que sollozan apretando el ramo humilde que han de depositar en la capilla ardiente o en sus alrededores, hombres que con rostro severo disimulan una pena honda, niños escolares, obreros, enfermeras... De vez en cuando, al descubrir la muchedumbre — como ocurrió repetidas veces — la presencia de una de las enfermeras de la Fundación Eva Perón, con su característico uniforme, le abre paso y ceden su turno en las filas quienes esperan para que aquella salude por última vez a la inspiradora de la entidad, sin perder por ello un tiempo que puede resultar precioso para los que aguardan sus indispensables servicios.

Estas escenas, captadas durante la madrugada de ayer por los cronistas de CLARÍN, habrían de prolongarse durante toda la jornada.

★ Los Íntimos

Durante la madrugada de ayer se encontraban en el edificio de Trabajo y Previsión acompañando al primer magistrado, general Juan Perón, la señora Juana Ibarburen de Duarte, el señor Juan Duarte, las señoras Elva Duarte de Arrieta, Blanca Duarte de Alvarez Rodríguez y Erminia Duarte de Bertolini, madre y hermanas de la extinta, y el señor Orlando Bertolini, hermano político.

Reconocidos por el público (Continúa en la página DOS)



LAS ESCENAS de dolor se suceden en la capilla ardiente, sitúa una diputada nacional al fondo, mientras pasa ante el féretro una enfermera de la Fundación Eva Perón que, junto a los principios de aquella entidad, ante los restos de la que fué su fundadora.



LA LLUVIA no arredra a la muchedumbre que se ha reunido para tributar su homenaje a la señora Eva Perón. Los chaparrones se establecen sobre ella mientras las filas avanzan lentamente por las calles de Buenos Aires, en dirección al túnel donde se encuentra el féretro con los restos de la Jefa Espiritual de la Nación.

Seguirá en Trabajo y Previsión el Velatorio de los Restos de Eva Perón Mayores Proyecciones Adquiere Hora por Hora el Homenaje Popular

UNA MULTITUD IMPRESIONANTE CUBRE EL VASTO RADIO CENTRAL DE LA CIUDAD

DESDE la madrugada anterior hasta el cierre de esta edición, las filas que se formaban para tributar homenaje ante el ataúd donde yacen los restos de la señora Eva Perón proseguían sin solución de continuidad. Como indicamos en las respectivas crónicas, esas enormes muchedumbres disciplinadamente congregadas para contemplar por última vez a la esposa del primer mandatario de la República proclamada por el Congreso Jefe Espiritual de la Nación, constituían un imponente espectáculo que trascendía con elocuencia el estado emocional del pueblo ante el irreparable golpe del destino.

★ **Densas Columnas** — desde varios puntos de la zona céntrica, arrancaban, serpentando a través de muchas calles, las densas hileras de hombres, mujeres y niños, que avanzaban con ritmo lento hacia el palacio de Trabajo y Previsión donde se encuentra la capilla ardiente. Marchaban con el rostro convulso, con expresión de dolor pero firmemente resueltas a cumplir su propósito de tributar el humilde y sencillo homenaje popular.

★ **Marcha Impresionante** — A medida que avanzaba la mañana aumentaba en

(continúa en la página DOS)



Año VII N° 2.451
Diario de la Mañana
Clarín
40 CENTAVOS
Buenos Aires, Miércoles 30 de Julio de 1952

UNA de las impresionantes filas a la altura de la Diagonal Norte. La gente aguarda, con paciencia a prueba de fatiga y de inconvenientes, el momento de dar el postrer adiós a la Srta. Eva Perón, en la capilla ardiente instalada en la ratonera de honor del ministerio de Trabajo y Previsión. Las filas tuvieron, en muchos momentos de estas últimas jornadas, hasta treinta y cuarenta cuadros de extensión.

Solicítase al Público que no Dificulte la Formación de Filas

La Subsecretaría de Informaciones informó ayer que el general Perón ha dispuesto que el velatorio continúe en el ministerio de Trabajo y Previsión un mes o dos, si fuera necesario, hasta que el último ciudadano pueda ver los restos de la comparsa vital.

En consecuencia — agrega —, se ruega al público de la Capital Federal y alrededores, que no se apresure a trasladarse hasta la capilla ardiente, a fin de que no se vea dificultada la formación de filas de acceso al ministerio de Trabajo y Previsión.

Se procura, de esta forma — termina el comunicado —, evitar inconvenientes a los ancianos y niños que forman en las columnas del pueblo para rendir su postrer homenaje a la Jefa Espiritual de la Nación.

DURANTE el homenaje de las antorchas realizado anoche en la plaza Miserere, al pie de un retrato de la señora Eva Perón



El 12 Rendirán Homenaje a Eva Perón las Cámaras Legislativas Reunidas en Asamblea

(Información página DOB)

Con Extraordinarios Acentos se Expresa el Duelo Popular



Buenos Aires, Sábado 2 de Agosto de 1952

Desfilan Nuevas y Densas Columnas Ante el Féretro

SE ha afirmado durante las últimas horas en el ánimo popular la fervorosa decisión de rendir el postrer homenaje a la señora Eva Perón. Sin un momento de demérito, el pueblo afluye al ministerio de Trabajo y Previsión, desafiando el cansancio y las múltiples molestias que pueda ocasionarle la larga espera. Por eso las filas de la víspera se vieron engrosadas por un mayor contingente ciudadano. Ya en nuestra edición anterior informábamos que en horas de la madrugada, dos largas columnas se extendían por las calles céntricas. Una de ellas, integrada por delegaciones de la Confederación General del Trabajo, se iniciaba en Belgrano y Julio A. Roca. En la segunda, que comenzaba en Bernardo de Irigoyen y Alsina, formaban hombres, mujeres y niños, muchos de los cuales oraban en silencio por el eterno descanso del alma de la Jefa Espiritual de la Nación.

Avanzan Muy Lentamente

Ambas columnas avanzaban con lentitud, pero en perfecto orden. A medida que abandonaban el ministerio de Trabajo y Previsión los primeros en llegar, nuevos grupos se incorporaban a las filas. Durante toda la noche, efectivos del Ejército distribuyeron café y víveres entre quienes aguardaban, al tiempo que colaboraban con fuerzas de la gendarmería y la policía para el mantenimiento del orden.

Cercana ya el alba, y bajo una fría brizna, las columnas comenzaron a disminuir. Esta vez eran trabajadores los que, antes de iniciar las tareas diarias, aguardaban el momento de rendir el último tributo ante el fúnebre féretro.

Acercan las Columnas

Luego, a medida que fué transcurriendo el día —que se presentaba frío, pero sereno— nuevos aportes humanos se sumaban a los que ya esperaban, hasta cubrir varias cuadras. Como en días anteriores, la comuja popular tenía un fiel reflejo en esta muchedumbre que acudía a testimoniar su afecto y gratitud hacia

(continúa en la página DOB)



ESTE oficial de la Gendarmería, suministra alimentos a las personas que integran una de las largas columnas. Así, la espera para poder llegar hasta la capilla ardiente



YA EN LA NOCHE, no disminuye el aflujo de hombres, mujeres y niños que aumentaron la densidad de las interminables columnas de los que soportan todos los inconvenientes para llegar hasta la capilla ardiente



GRUPOS de escolares, portadores de sencillas ofrendas florales, que concurren ayer a la cámara mortuoria. Ya en el recinto, ninguno de ellos pudo contener la emoción que los embargaba



OFICIALES de marina argentina, que en la tarde de ayer concurren a tributar su homenaje ante los restos de la esposa del primer magistrado, señora Eva Perón

Intensificóse el Desfile por la Capilla Ardiente



Año VII N° 2.456
 Diario de la Mañana
Clarín
 40 CENTAVOS
 Unavez de sueldo para la solución urgente de los problemas argentinos

Buenos Aires, Lunes 4 de Agosto de 1952

Rinde Homenaje Póstumo a la Sra. Eva Perón una Fervorosa Multitud

El pesar provocado por el fallecimiento de la señora Eva Perón se exteriorizó nuevamente ayer en eflorentes manifestaciones que, como los días precedentes, asumió imponentes proporciones. Las largas y densas columnas, agrupadas en los recorridos ya establecidos; la multitud congregada en las inmediaciones del edificio de Trabajo y Previsión; los numerosos transeúntes con vestimenta negra y ojal negro en la solapa; los miles de retratos de la exultante con luto y flores; los altares levantados en todos los barrios de la ciudad; fueron otras tantas pruebas inequívocas de la cohesión que mantiene aprisionada el alma de la muchedumbre.

Asimismo, el desfile ante el estadión, que se viene cumpliendo desde el domingo anterior, revistió las características de las otras jornadas. En la capilla ardiente las escenas desgarradoras, los sollozos y las frases de intenso patetismo se sucedían sin interrupción. Numerosas personas, especialmente mujeres, eran presa de crisis nerviosas al culminar su emoción en la contemplación de la muerta venerada, lo que obligaba a la rápida intervención de los médicos y enfermeras que forman guardias permanentes en previsión de esos accidentes. Muchos eran los que se arrodillaban y oraban, los que con unción besaban el cristal que tapa el féretro y los que depositaban modestos ramilletes de flores o estampas religiosas, como ofrenda y testimonio de póstumo homenaje.

En los instantes en que el general Perón se encontraba en la cámara mortuoria, el público se acrecentó y pronunciaba sinceras palabras de pésame, que el primer magistrado agradecía conmovido.

★ En la Capilla Ardiente El presidente de la República, general Perón, llegó al ministerio de Trabajo y Previsión a las 7:30 en compañía (Continúa en la página DOS)

COLUMNA PARA LAS DELEGACIONES GREMIALES

TENDRA ACCESO DESDE LAS 8 HS.

El desfile de delegaciones de entidades gremiales ante el féretro que contiene los restos de la señora Eva Perón quedará restablecido hoy, a las 8. Como se recorda, había sido suspendido el sábado último a fin de que la marcha de las columnas de público en general tomara un ritmo más intenso.

Para que este desfile pueda cumplirse sin entorpecimientos, la C. O. T. ha impartido una serie de instrucciones que exhortó a cumplir estrictamente. En ellas está contemplada la concurrencia de delegaciones de trabajadores de la Capital Federal, Gran Buenos Aires e interior del país. Estas últimas se encuentran en su gran mayoría en la Capital Federal desde la semana anterior. En cuanto a las otras, corresponden a los gremios que aun no lograron llegar a la capilla ardiente debido a la enorme afluencia de público.

Las delegaciones del interior de la República son enviadas por las delegaciones regionales de la central obrera, que han acudido desde los puntos más lejanos del país. En esta faceta, todos los trabajadores argentinos, por medio de miembros caracterizados de sus respectivas entidades gremiales, estarán presentes en el homenaje a la memoria de la esposa del primer magistrado.

El desfile en corporaciones comenzará hoy a la hora indicada y concluirá el próximo viernes. Las delegaciones deberán tomar habitación en la columna especial que se formará con tal objeto, la que ingresará por Chacabuco y Moreno.

IMPONENTES túmulos de flores rodean el edificio del ministerio de Trabajo y Previsión.



Hoy Serán Conducidos a la C.G.T. los Restos de Eva Perón SU TRASLADO AL CONGRESO TUVO SOLEMNES CONTORNOS

Encabezó la Marcha el Jefe del Estado

EFFECTIVOS DE TIERRA, MAR Y AIRE RINDIERON HONORES A LO LARGO DEL RECORRIDO

PROLARIO imponente de las exteriorizaciones populares de pesar por el fallecimiento de la señora Eva Perón, que el país entero ha presenciado en los últimos quince días, la ceremonia del traslado de los restos de la esposa del jefe de Estado desde el ministerio de Trabajo y Previsión hasta el Palacio del Congreso, realizada ayer, se caracterizó por su solemnidad y por el hondo recogimiento que regó a la línea en su mischudombre opasada en las calles que debía recorrer el cortejo fúnebre.

Dueto Ciudadano

Ya antes del alba, millares de personas comenzaron a tomar ubicación a lo largo de la ruta prevista. Hombres y mujeres, niños y ancianos, marginaron el trayecto, sin reparar en lo prolongado de la espera, para rendir su conmovido homenaje de despedida.

Luego, a medida que se aproximaba la hora señalada para el paso de los restos, las filas se hicieron más compactas, quedando pocos espacios libres para dar cabida a los contingentes de público que desde todos los puntos de la ciudad llegaban al centro valiéndose de los más diversos medios de transporte, colectivos e individuales.

Forman las Tropas

A las 8 de la mañana formaron, a lo largo de la diagonal Julio A. Roca, calle Bolívar, avenida de Mayo y calle Rivadavia, hasta el Congreso, en fila doble, con los boquetes cubiertos, los efectivos del Ejército, la Marina y la Aeronáutica, que debían rendir a la horte muerta los honores correspondientes a presidente de la Nación en ejercicio.

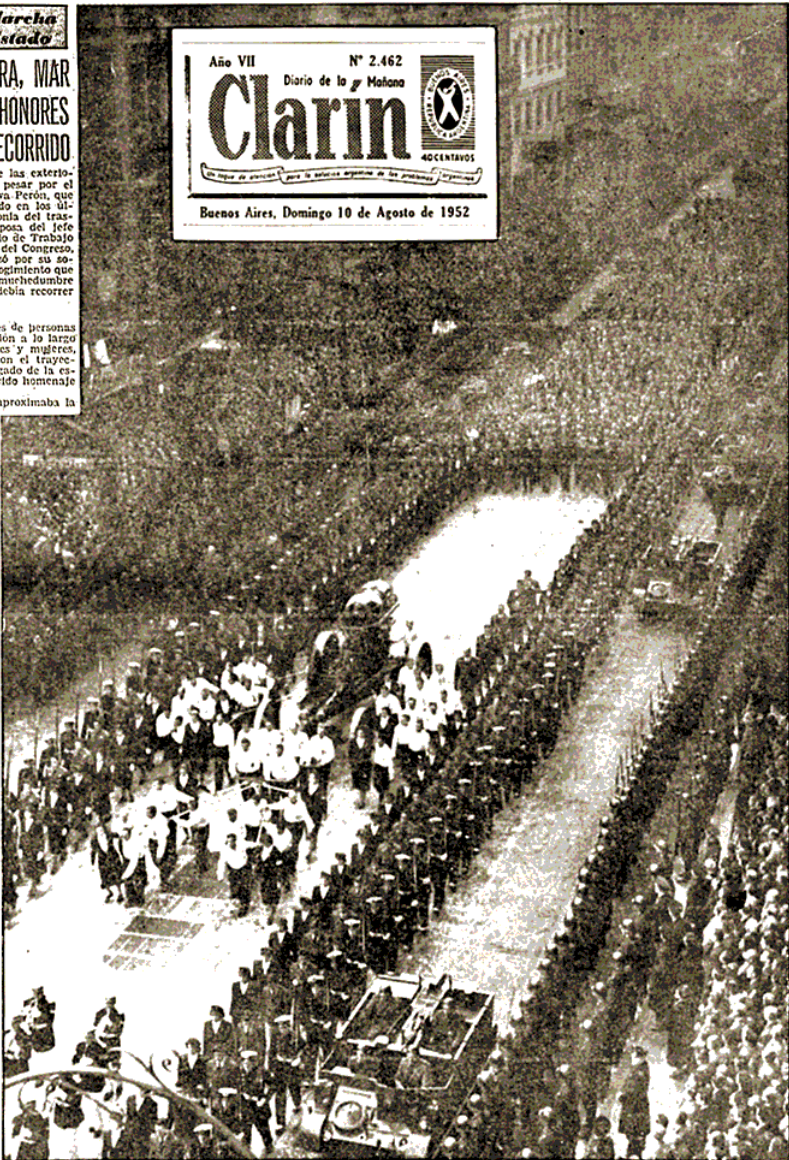
Tomaron ubicación a ambos lados de la calzada, junto a los cordones de la veredas, la agrupación aeronáutica, encabezada por los grupos boxes 1 y 2, al mando del comandante Alfredo N. Arco; la agrupación naval integrada por la Escuela Naval Militar, el Líneo Naval Almirante Brown, la Escuela de Mecánica de la Armada, la Escuela Nacional de Náutica, y los batallones n.ºs 3 y 4 de Infantería de Marina, comandados por el capitán de navío Alicia Ozaera, y la agrupación terrestre, integrada por el Colegio Militar de la Nación, el Líneo Militar General San Martín, la Escuela de Suboficiales Sargentos Caballeros, la Escuela de Escuadra del Ejército, Fray José Beltrán, la Escuela del Cuerpo Profesional Auxilio General Lemos, la Escuela de Infantería, la Escuela de Caballería, la Escuela de Comunicaciones, la Escuela de Tropas Blindadas y los regimientos Motorizado Buenos Aires y de Granaderos a Caballo General San Martín, al mando del general de brigada Félix M. Robles.

En la Capilla Ardiente

Una hora antes de la fijada para la partida del cortejo fúnebre, el presidente de la Nación, general Juan D. Perón, se trasladó a la capilla ar-

Fue Imponente la Procesión de Antorchas

(Información página TRECE)



Levada por dirigentes obreros, la cureña con los restos de la señora Eva Perón cruza la avenida de Mayo rumbo al Congreso

Ya Descansan en el Local de la C. G. T. los Restos de Eva Peron

GRANDE Y PESAROSO MARCO POPULAR EN LAS EXEQUIAS



Año VII N° 2.463
 Diario de la Mañana
Clarín
 40 CENTAVOS

Buenos Aires, Lunes 11 de Agosto de 1952

Acentuaron los Honores Militares la Solemnidad

A una ceremonia solemne y revestida de carácter es profundamente emotivo dió lugar el traslado de los restos mortales de la señora Eva Perón, desde el palacio legislativo, donde fueron velados desde la víspera, hasta la sede de la Confederación General del Trabajo, en la que permanecerán hasta que sea erigido el monumento que perpetuará su memoria y en el que descansarán definitivamente.

Una muchedumbre sin precedentes presenció el paso del féretro cortijo y se unió a éste para despedir los restos de la esposa del presidente de la Nación, confundéndose en ese postrer homenaje con las fuerzas armadas que rindieron a la extinta los máximos honores públicos.

El dolor y la cólera que afligen al pueblo argentino por la desaparición de la Abanderada de los Trabajadores, volvió a evidenciarse en esta ocasión, a través de la presencia de un verdadero mar humano que silenciosamente tomó ubicación a lo largo del extenso trayecto que recorrió el cortejo y que dió así su último adiós a los venecidos despojos.

En el Valatorio
 El desfile de público frente a la capilla ardiente instalada en el Salón Justicialista del Congreso Nacional, iniciado el sábado al mediodía, prosiguió ininterrumpidamente por la noche y ayer hasta poco antes del traslado de los ritos.

Como en la jornada anterior, el paso de las dos columnas junto al cuerpo yacente de la esposa del jefe del Estado motivó escenas que abarcaron toda la gama de la emoción. Entretanto, las ofrendas florales se multiplicaron llegando en forma tan copiosa que al momento el pasaje legislativo apareció rodeado por un verdadero bosque de coronas y ramos con las más diversas flores.

Las Guardias de Honor
 Durante todo el tiempo que los restos fueron velados en el Congreso, montaron guardia de honor junto a ellos, generales, brigadieres, almi-

ARRIBA: En la sede de la Confederación General del Trabajo ya descansan los restos de la señora Eva Perón, en la cámara mortuoria donde permanecerán hasta que sean definitivamente depositados en el mausoleo que, por contribución popular, erigirá en esta ciudad.
ABAJO: Un aspecto del imponente cortejo fúnebre durante su marcha desde el Palacio del Congreso al edificio de la central obrera.

Além da mídia impressa, há outros fatores que contribuíram para eternizar Evita. Há um discurso de 17 de outubro de 1949, que mostra o que é ser peronista. É quase uma religião, onde Eva é o religare entre a justiça e progresso.

Luchamos por la independencia y la soberania de la Patria, por la dignidad de nuestros hijos y de nuestros padres, por el honor de una bandera y por la felicidad de un pescarnecido y sacrificado en aras de una avaricia y un egoísmo que no nos há dado sino dolores y luchas estériles y destructivas. Si el pueblo fuera feliz y la Patria grande, ser peronista sería un derecho. En nuestros días, ser peronista es un deber.⁶¹

Um dos momentos mais emocionantes que o rádio pode transmitir à população foi o discurso de renunciamento à vice-presidência proclamado, em 31 de agosto de 1951.

Compañeros: Quiero comunicar al pueblo argentino mi decisión irrevocable y definitiva de reunciar al honor con que los trabajadores y el pueblo de mi Patria quisieron honrarme en el histórico Cabildo Abierto⁶² de 22 de agosto (...) Quiero que estén tranquilos mis descamisados: no renuncio a la lucha ni al trabajo; renuncio a los honores ⁶³.

⁶¹ (...) Lutamos pela independência e soberania da Pátria, pela dignidade de nossos filhos e nossos pais, pela honra de uma bandeira e pela felicidade de um povo humilhado e sacrificado nos altares da avareza e do egoísmo que nos deu dores e lutas estéreis e destrutivas. Se o povo foi feliz e a Pátria grandiosa, ser peronista seria um direito. Em nossos dias, ser peronista é um dever.

⁶² A expressão Cabildo Abierto foi usada porque Cabildo é um casarão antigo na praça de Mayo, onde foi declarada a independência da Argentina. Aberto, porque a multidão, no dia da formação da chapa para a reeleição de Perón, estava reunida nas ruas, em torno do palanque, exigindo a resposta de Eva com relação a vice-presidência.

⁶³ (...) Companheiros: Quero comunicar ao povo argentino minha decisão irrevogável e definitiva de renunciar à honra com a qual os trabalhadores e o povo de minha Pátria quiseram honrar-me no histórico Cabildo Abierto de 22 de agosto (...) Quero que estejam tranquilos meus descamisados: não renuncio à luta nem ao trabalho; renuncio às honras.

As rádios também transmitiram a leitura do testamento deixado por Eva. Há dúvidas quanto a autenticidade do documento, pois sabe-se que somente dezessete linhas foram escritas à mão e o restante estava datilografado. Mas nada mais concreto a ser deixado, por alguém que morre, que um testamento. Era muito mais que uma herança; era uma maneira de Eva dizer: "Eu sou eterna".

Yo estaré con ellos, con Perón y con mi pueblo para pelear contra la oligarquía vendepatria y farsante, contra la raza maldita de os explotadores y de los mercaderes de los pueblos (...) Dios es testigo de mi sinceridad; y El sabe que me consume el amor de mi raza que es el pueblo Todo lo que se opone al pueblo me indigna hasta los límites extremos de mi rebeldía y de mis odios. Pero Dios sabe también que nunca he odiado a nadie por sí mismo, no he combatido a nadie con maldad, sino por defender a mi Pueblo, a mis obreros, a mis mujeres, a mis pobres "grasitas", a quienes nadie defendió jamás con más sinceridad que Perón y con más ardor que Evita (...) Quiero que todos mis bienes queden a disposición de Perón, como representante soberano y único del pueblo. Yo considero que mis bienes son patrimonio del pueblo y del movimiento peronista que heredero de mis bienes debe ser el pueblo y pido a los trabajadores y a las mujeres de mi pueblo que exijan, por cualquier medio, el cumplimiento inexorable de esta voluntad suprema de mi corazón que tanto los quiso (...) ⁶⁴.

⁶⁴ (...) Eu estarei com eles, com Perón e com meu povo para lutar contra a oligarquia traidora e farsante, contra a raça maldita de exploradores e vendedores dos povos (...) Deus é testemunha de minha sinceridade; e Ele sabe que me consome o amor de minha raça que é o povo Tudo o que se opõe ao povome indigna até os limites extremos de minha rebeldia e de meu ódio. Mas Deus sabe também que nunca odiei a ninguém por si mesmo, não combati a ninguém com maldade, senão para defender a meu Povo, aos meus trabalhadores, às minhas mulheres, aos meus pobres "grasitas", a quem ninguém defendeu jamis com mais sinceridade que Perón e com mais ardor que Evita(...) Quero que todos meus bens fiquem a disposição de Perón, como representante soberano e único do povo. Eu considero que meus bens são patrimônio do povo e do movimento peronista que é tambe'm o povo (...) Mas depois de Perón, o único herdeiro de meus bens deve ser o povo e peço aos trabalhadores e às mulheres de meu povo que exijam, por qualquer meio, o cumprimento inexorável desta vontade suprema de meu coração que tanto os quis (...)

Outras transmissões importantes que colaboraram para destacar, não só a imagem de viva, mas como de morta, foi a leitura do decreto do poder Executivo sobre o luto nacional e as notícias dos problemas de alojamento em Buenos Aires, pois todas as pensões e hotéis estavam cheios e se aconselhava não viajar para a capital. Tudo isso intensificava o adeus a Dama da Esperança e com certeza, neste momento, nas mentes processavam as imagens construídas pela mídia e pelas jornadas de Eva.

A representação pública de Eva, seja qual for o tipo de mídia, provocava emoções e atitudes diversas que afetavam as percepções do povo com o seu forte poder de modificar os ambientes comuns por onde passava. As pessoas se mobilizavam para direcionar toda a sua atenção à Evita. Isso dá a noção do quanto o nome, ou a voz, ou a imagem "Eva Perón" era forte. O âmbito de significação da Mãe da Esperança, se dá entre a apresentação dela mediante o povo e as mídias, formando o inconsciente coletivo.

Essencialmente a representação é algo humano. Produzila e manipulá-la são fases essenciais de produção do espetáculo. A imagem de pecadora que se redimiou e tornou-se a "Mãe dos trabalhadores", a menina que superou tudo e a todos para sobreviver são sustentáculos de um tipo de imagem que a mídia fez questão de sempre narrar. Eva era o principal personagem deste fato histórico chamado peronismo. Ela também

era espelho, a partir do momento que toda uma nação de famintos, pobres e operários se viam representados pelo mais alto escalão do poder. Evita era simples, conhecia a pobreza como eles... era o reflexo e o sinal de que tudo poderia melhorar. E, a literatura, por sua vez, com a publicação de muitos livros, dá um toque final para a consolidação desta imagem.

A mídia sabia muito bem o que significava representar Eva. Primeiro, ela deveria ser apresentada de modo distinto. Depois, certas características deveriam ser expressadas, acentuadas e transformadas de forma que fosse bem compreensível a todos. Os defeitos ou pontos fracos seriam suprimidos.

E foi o que realmente aconteceu. Eis que surge uma mulher forte, atuante politicamente, oriunda dos camarins... uma grande novidade para a época. Ela passa a ser comentada e falada como algo que vai provocar mudança e que merece destaque. Logo os flashes começam a disparar e Eva passa a se eternizar em situações de luta, de trabalho, luxo e beleza.

As imagens são reforçadas por textos, por manchetes ou por locuções passionais. O passado de bastarda, ilegítima ou prostitua foi enterrado, escondido. O câncer que revelava a fragilidade do corpo humano, foi potencializado como martírio que a levou à santificação. Eva foi, e ainda é, a representação de uma cultura, de um povo, de um período de

renovação da maneira de fazer política. É também uma expressão de um sentimento de esperança, de renovação, de santidade na terra, inclusive após a sua morte. Evita é, por natureza mítica, expressão e representação pura. Expressou sentimentos de quem passa fome e é desprovido de cidadania e representou um povo, um desejo e uma transformação sócio, econômica e cultural.

Apesar de estar dentro de um ambiente de cultura de massa, Eva procurava fugir do imediatismo midiático. Ela desejava eternizar sua imagem. Então nota-se que o signo Eva Perón fica intimamente ligado a um mundo anterior àquele que a mídia apresenta. Um passado construído com luta e com muita humilhação e superação. Chega a ser, em alguns momentos, algo mais profundo e denso que ela mesma. Capaz de produzir fetiches e criar até religiões. O povo, ao contemplar a figura de Eva, nas mais diversas situações, por um momento não distinguia o real e o imaginário. Através da sedução midiática, do envolvimento que a imagem provoca, passa-se a entrar no ambiente de sonho, onde tudo poderia se resolver; bastava saber pedir e ambicionar - como ela mesma ensinava.

Ao ser fotografada pela imprensa, em qualquer circunstância, o que importava seria a identificação do objeto Eva Perón e desencadear o raciocínio: Peronismo, Ação Social, Poder do povo. Todos esses enfoques deveriam ser passados de maneira sutil, para conseguir atingir o

imaginário da massa, mostrando as diversas características daquele objeto fotografado.

Com a mídia nas mãos, o peronismo tentou passar o que lhe convinha e cabia. Com um talento muito próprio, Eva Perón soube dialogar, usar e abusar desta "porta" que abre as possibilidades para o imaginário social e o transforma. Imprensa é poder.



"...matriz reprodutora de infinitas cópias, inscreve e conserva o traço do acontecimento singular, no interior do qual um sujeito e um objeto (...)defrontam-se para sempre"

(Lúcia Santaella)

3.3. O álbum de retrato

Recordar... cordis... coração. Guardar de forma especial, com finalidade histórica ou sentimental. Momento roubado do instante da vida e eternizado em um folha de papel, em fotogramas. A fotografia tem o poder de, através de um golpe, fixar uma situação para sempre.

A relação estabelecida entre fotógrafo e máquina determina o resultado que seria a foto. O olho, potencializado pela câmera, seleciona o instante a ser capturado. É quase uma luta constante.

cria um certo tipo de enfrentamento entre o olho do sujeito, que se prolonga no olho da câmera, e o real a ser capturado. O que o sujeito busca, antes de tudo, é dominar o objeto, o real, sob a visão focalizada de seu olhar, um real que lhe faz resistência e obstáculo (SANTAELA, L. 1998, p.165).

Neste album de retrato, vamos fazer um passeio visual pela vida de uma mulher, que fez de seu enredo um capítulo fundamental da história de um país. E o alerta fica: a foto não é Evita, não é a coisa em si. A sedução está lançada para sempre, as imagens são grandiosas como o próprio mito... e foi assim que aconteceu.



Essa era a menina pobre. À esquerda, vemos Eva nas margens da lagoa de Gómez, próximo a Junín. No centro, ela está na varanda de sua casa, com treze anos. A foto da direita também foi tirada na varanda, em Junín. E abaixo é a fotografia da primeira comunhão.



Era 1935: eis a chegada a Buenos Aires... o futuro da Argentina não seria mais o mesmo.



As múltiplas faces de Evita. Começa a busca do sonho. Ser atriz passa a ser não só uma profissão mas uma questão de sobrevivência.



A
equili
políti

s mais
ue era





Como Senhora Eva Perón, Primeira Dama, mudaram-se os papéis, mas não a popularidade.

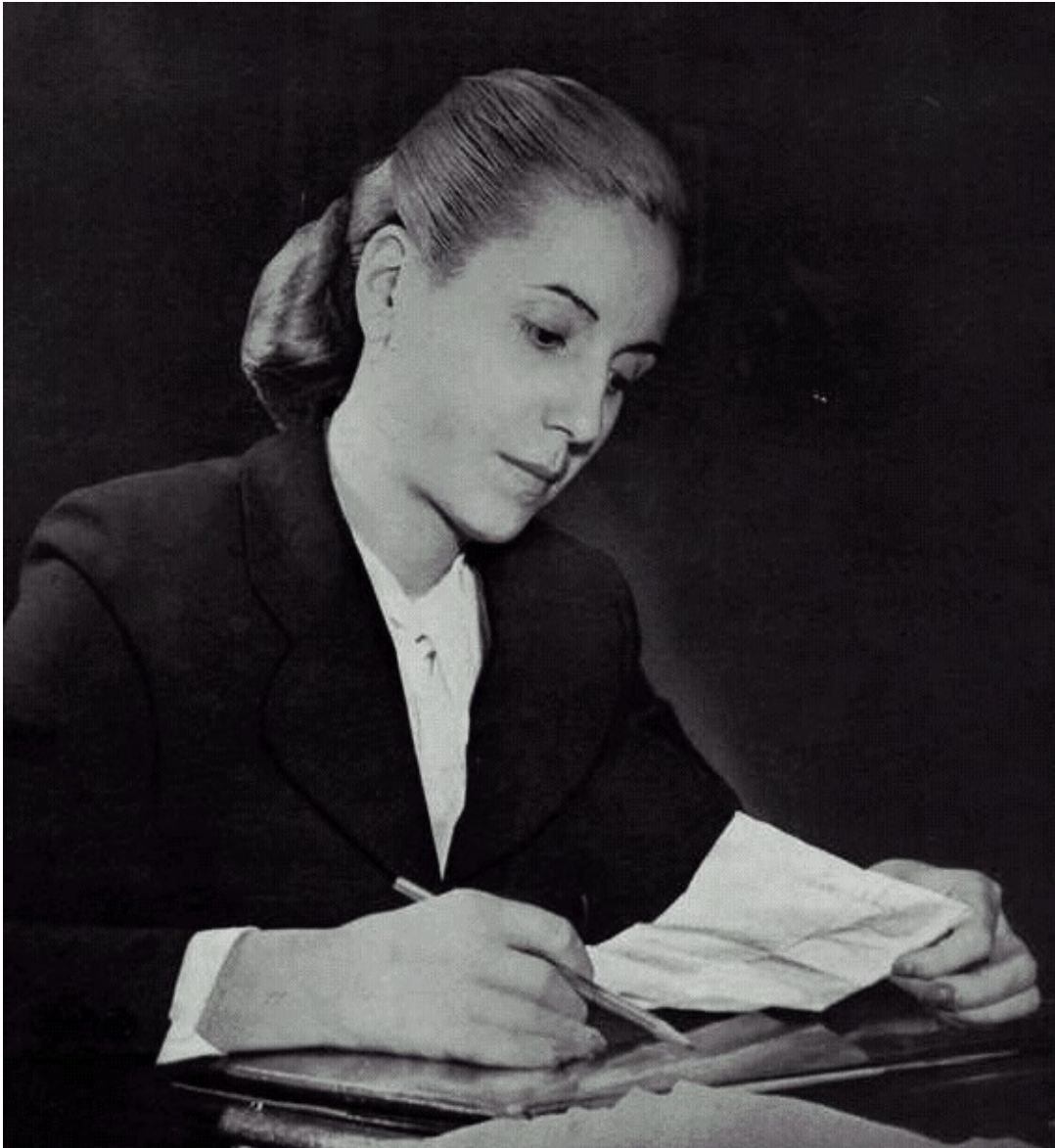




Além de conseguir o voto feminino, Eva funda o partido peronista feminino e convida a mulher a participar e pensar a vida política do país.

O toque feminino de Evita no peronismo foi o grande diferencial. A política social popularesca passa a ter um sentido não só de provedora material, mas também sentimental.





Eva viveu o Peronismo como uma religião. A entrega foi
total.



E o peronismo passa a ser a nova política. Para muitos, e inclusive para Evita, uma filosofia de vida.

Mas peronismo também é espetáculo; de uma única estrela.



O luxo brilhava nos olhos da miséria e da oligarquia...



Justificado no desejo do povo de ter uma líder bela e poderosa...





Mas o povo prefere imaginar que a sua estrela nunca vai se apagar. Exige que ela seja a vice-presidenta... mas ela renuncia.

Pois o câncer iria levar embora a Mãe da Esperança. Agora o lugar era o céu, a eternidade... e a herança do martírio, a santidade.



E a dor veio no ritmo melancólico do tango...



Niños con antorchas en la Plaza Flores rinden su homenaje a Evita.



Era, enfim, o último adeus. Chega a eternidade, ficam as lembranças, as lendas, os fetiches, a saudade e o mito.

4. CONCLUSÃO

Foi um ano de pesquisa e envolvimento com a vida de Eva Perón. Depois da viagem a Buenos Aires e o contato com o povo argentino, foi possível ter a primeira noção do que esta mulher representou para toda uma época e para as futuras gerações.

É evidente que os meios de comunicação da época foram ferramentas fundamentais para a construção do mito Evita. As mídias ocupam um espaço primordial na visão de futuro das pessoas e sempre acabam moldando os acontecimentos. É importante ressaltar que a imprensa surge com a criação do Estado Moderno, então passa-se a ter uma forma mais sutil de coerção e persuasão. Por isso, imprensa é sinônimo de disputa de poder político. Tanto que os próprios políticos fazem uso da imprensa para convencerem seu eleitorado e criar melhores formas de governar e se legitimar perante o povo. Toda forma de poder é política e, para caracterizar-se como expressão da vontade do todo, precisa da imprensa, pois ela consegue atingir o povo como um todo.

Enquanto Eva Duarte, a mídia não dava muito espaço. Foi preciso que a atriz se envolvesse com homens de poder para conseguir tão almejada projeção. Mas, enquanto Eva Perón, a situação mudava completamente. Estava-se falando da Primeira Dama da Argentina. Então, qualquer atitude por parte dela tinha valor de notícia. Passa-se a transmitir os relatos

sobre o que aconteceu, através dos meios de comunicação, e não de boatos ou fofocas de esquinas, bares ou praças. É o fato fixado nos papéis dos jornais e revistas ou impactante nas ondas do rádio.

Por perceber de forma tão notória que o domínio da imprensa era um enorme diferencial para manter-se no poder, foi que o peronismo comprou ou censurou grande parte dos jornais, revistas e rádios da época. Perón e seus assessores sabiam que na imprensa existe o paradoxo de tanto ser um instrumento para oligarquia quanto para o povo; um espaço aberto para o exercício da democracia. Imprensa é instrumento de resistência ou de instituição de poder. Também, por notar que Eva era o grande trunfo, que Perón apoiou-se na mulher que o levava ao povo. Ela sabia e entendia de gente. Era fluente ao conversar com as massas, afinal, originou-se dela. O carisma de Evita foi potencializado pela comunicação.

Mas é válido lembrar que o papel da imprensa não é unicamente político. Seus raios de influência atingem os setores econômicos, comerciais, culturais, solidificando gostos e opiniões. Seu papel também é jurídico ao legitimar tradições e morais de uma sociedade. O Peronismo, com o desejo de ser muito mais do que um partido político, entendeu perfeitamente esta abrangência.

Foi unindo este diferencial a fatores estudados ao longo do trabalho que compreende-se um pouco mais a dimensão

de Eva Perón. Apesar que jamais será possível abarcar este mito tão amplo, polêmico, cheio de contradições, em páginas. A história de Evita está nas mentes de seus familiares, amantes, do povo argentino e de suas gerações. Está nas páginas restritas dos livros de história e literatura, das gravações das rádios, nas revistas e jornais. Está nas obras que construiu, nos fetiches do povo e nas lendas contadas. Como seria possível juntar tudo isso? Há coisas que o tempo resgata, outras que sucumbe. Neste caso, parte das "verdades" foram para o túmulo com Eva. Segredos e angústias que só ela sabia e mais ninguém.

Este é o ponto em que os militares erraram ao tentar dissolver a imagem de Evita. Quando pensaram que as atribulações iriam acabar com a morte da Primeira Dama, a oposição não imaginava que os problemas só estavam por começar. Eva era um perigo muito maior morta do que viva. Seu corpo era uma nação inteira. Não há como desmistificar um amor inerente em um país e muito menos despertar ódio ou buscar falhas de caráter em meio a tanta compaixão e pesar. Foram inúteis as tentativas, a "Santa" já tinha pedestal e já estava no altar.

Pode-se concluir que o mito começou a ser criado a partir do momento em que Eva decide sair do interior e enfrentar os perigos da cidade grande. Nada a intimidava. Nem mesmo mediante aos perigos Eva tentou voltar atrás. A sedução

por se tornar estrela estava para lá de consumada na menina do interior. As salas de cinema e seus mitos foram os seus grandes espelhos e combustíveis.

Eva menina, Eva Duarte, Eva Maria ou Maria Eva; Eva que seduziu Adão... ela pagou o preço que foi necessário, trocou de amores de acordo com suas conveniências, mas tudo se justifica quando se quer ser uma estrela. A vida mudou seus papéis e a "militante" escondida nos camarins dos teatros portenhos passa a interpretar, ou melhor, incorporar o papel de Primeira Dama. A postura dela mudou, o vocabulário foi aprimorado... um país inteiro foi transformado com sua existência. Eva assumiu o peronismo e seu casamento como o princípio e o fim de todas as coisas.

Cabelereiros, alta costura, jóias, todo luxo e glamour rodeados pelos flashes das máquinas e estampados nas revistas e jornais. Eva passa a ditar moda e a criar legiões de seguidoras. Mas o grande diferencial neste mito feminino era o conteúdo político que trazia consigo e sua importância na estrutura social da época.

Eva, apesar de todo o aparato midiático, não foi muito de fingir. Ela realmente entregou-se às causas sociais. Odiou de verdade a oligarquia que a menosprezou; lutou e opinou nas decisões importantes a serem tomadas pelo general Perón.

A "Dama da Esperança", como era conhecida, não pode ser encarada como um simples mito que preencheu o imaginário das

pessoas que o ritualizavam. Ela foi algo além; foi um agente social que provocou transformações profundas. Incitou a massa a querer e exigir o melhor de quem estava no poder.

Evita era o mito múltiplo e antagônico. Reunia em si os extremos: sagrado e profano. Mesmo que tenha usado inúmeros recursos midiáticos e até jurídicos para esconder o próprio passado, ele se fazia presente dentro dela e agia como um catalizador de suas reações, recalques, desejos e motivações. O povo já não queria mais saber dos erros. Tudo estava redimido pela capacidade de Eva em amar e entregar-se às causas da nação oprimida. Evita é tão complexa que pode-se concluir infinitas coisas ao seu respeito... hoy y siempre.

5. BIBLIOGRAFIA

- CAILLOIS, Roger. *O mito e o homem*. Trad. José Calisto dos Santos. Lisboa: Ed.70, 1972.
- CAMPOS, Raymundo. *Estudos de História do Brasil*. São Paulo: Atual, 1999.
- COURI, Norma. *Evita Superstar*. *Veja*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1983, p.52.
- DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa. 30.ed. São Paulo: Globo, 1993.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GRAN diccionario de la lengua española. 7.ed. Madrid: SGEL, 1995.
- MORIN, Edgar. *As estrelas, mito e sedução no cinema*. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- . *Cultura de massas no século XX* Neurose. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990, v.1.
- MOTTA, Luiz Gonzaga (org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- NOVAES, Adauto. *O mundo a partir da imagem*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 de mar. 2004, p.27.
- ORTIZ DUJOVNE, Alicia. *Eva Perón, la biografía*. Buenos Aires: Aguilar, 1996.
- PARKER, Alan. *Evita; musical*, por Antonio Banderas e Madonna. DVD Video. Buena Vista Home Entertainment. s/d.
- SACCA, Zulma. *Eva Perón, de figura política a heroína de novela*. Quito: Abya-Yala, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia, NÖTH, Winfried. *Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- <http://old.clarin.com/suplementos>. Acesso em 15 mar. 2003.
- <http://www.atvnaescola.com.br/poder.htm>. Acesso em 12 mai. 2004.

<http://www.evita.4mg.com/>. Acesso em 10 abr. 2004.

<http://www.evitaperon.org>. Acesso em 17 abr. 2004.

http://www.historiadelpais.com.ar/eva_peron.htm. Acesso em 13 fev. 2004.

<http://www.lanacion.com>. Acesso em 02 jun. 2004.

<http://www.todotango.com/evaperon.htm>. Acesso em 18 mai. 2004.

www.todo-argentina.net/biografias/Personajes/eva_peron.htm
Acesso em 12 fev. 2004.

